



JEAN CARLOS DA SILVA

**A FÉ DO EVOLUCIONISTA E A RAZÃO  
CRISTÃ NO CRIACIONISMO**

IJUÍ/RS  
2016

JEAN CARLOS DA SILVA

# **A FÉ DO EVOLUCIONISTA E A RAZÃO CRISTÃ NO CRIAÇIONISMO**

TCC apresentado para cumprir as exigências da disciplina de TCC II do curso de Bacharelado em Teologia, ministrada pela professora Marivete Zanoni Kunz.

FACULDADE BATISTA PIONEIRA  
IJUÍ/RS  
Julho de 2016

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

**A FÉ DO EVOLUCIONISTA E A RAZÃO CRISTÃ NO  
CRIACIONISMO**

---

Autor: **Jean Carlos da Silva**

---

Orientador de Conteúdo: **Dr. Claiton André Kunz**

---

Avaliador de Forma: **Me. Josemar Valdir Modes**

---

Avaliador de Português: **Esp. Luciano Gonçalves Soares**

---

Avaliador Final:

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

IJUÍ  
2016

## **RESUMO**

O debate evolução x criacionismo tem se estendido desde a publicação da obra “A Origem das Espécies” de Charles Darwin em 1859. Desde então, cientistas e cristãos têm se debruçado em cima da famosa teoria no intuito de prova-la ou de nega-la. O problema central do tema é que se a teoria evolutiva é verdadeira, a existência de Deus seria desnecessária, pois, a Bíblia supostamente estaria errada e a fé judaico-cristã totalmente abalada. Darwin tentou explicar a diversidade da vida através da seleção natural, ou seja, os animais, sendo o homem incluso, sofreriam mutações conforme a sua reprodução. Tal seleção resultaria numa grande árvore da vida, que apontaria para um ancestral comum de cada espécie. Com isso, o homem não seria uma criação Divina, e sim, uma obra do acaso. No entanto, muitos pesquisadores têm questionado o evolucionismo com pesquisas e contrapostos muito intrigantes, que por sua vez, poderiam muito bem derrubar, ou duvidar da teoria aperfeiçoada por Darwin. A evolução teria de passar por processo milagrosos para que chegasse ao estado atual. O ajuste fino da vida, a precisa condição para que a vida existisse, e a complexidade da vida, do homem e do universo apontam para um Criador e mentor que alguns irão chamar de Design Inteligente. É possível concluir que possuem lacunas na teoria evolutiva que somente um grandioso Deus poderia preencher. E que de fato, a existência de um Deus criador é muito mais racional que o surgimento de um universo tão complexo do simples acaso.

Palavras chave: Evolucionismo, Criacionismo, Ateísmo, Teoria, Fé, Razão, ciência

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>I – EVOLUCIONISMO</b> .....	<b>8</b>
1.1 Breve história do darwinismo e teoria da evolução.....	8
1.2 Ação da seleção natural na variação das espécies e suas modificações	12
1.3 Evolução humana e suas evidências.....	18
<b>II – DIFICULDADES DO EVOLUCIONISMO</b> .....	<b>23</b>
2.1 O que os cientistas presumem e o que eles pesquisam .....	23
2.2 Paleontologia e fósseis questionam um ancestral comum.....	28
2.3 Mutação e suas implicações .....	33
2.4 Probabilidade do acaso, evolução e fé .....	37
<b>III – CRIACIONISMO</b> .....	<b>44</b>
3.1 Existência de um Deus .....	44
3.1.1 Argumento Cosmológico .....	46
3.1.2 Argumento Teleológico .....	48
3.1.3 Argumento Moral .....	50
3.2 Design Inteligente e teorias .....	52
3.3 Fé e razão.....	57
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS:</b> .....	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa terá seu desenvolvimento na área científica e histórica, abordando fatos do criacionismo teísta e o Evolucionismo, também conhecido como Darwinismo. A pesquisa abordará a veracidade dos argumentos criacionistas, deixando claro que a fé cristã não é uma questão de irracionalidade, contrapondo com falácias e falta de provas visíveis e científicas por parte de cientistas evolucionistas. Invertendo assim a posição de irracional da parte criacionista ou teísta em relação à “fé” ateísta. Deixando claro que a fé cristã não é irracional, embora muitas vezes se sustente apenas naquilo que não se vê.

O intuito será levar a teologia um pouco mais além, comparando-a com argumentos científicos. Muitos escritores têm abordado temas relevantes para aqueles que já creem em Deus. A Teologia Sistemática também entrará em ação, mostrando as evidências palpáveis e históricas do criacionismo, mostrando as falhas e dificuldades da “fé” evolutiva. O objetivo central não será provar a existência de Deus, “embora possa-se chegar a essa conclusão”, mas mostrar a racionalidade por parte dos cristãos e fé por parte dos ateus.

O grande problema central tem seu início em 1859, quando o inglês Charles Robert Darwin publicou a obra sobre a origem das espécies por meio da seleção natural e, conservação das raças favorecidas na luta pela vida, ou como é mais comumente conhecida, “A Origem das Espécies”. O evolucionismo tem sido muito usado como argumento por ateus para provar a inexistência de um Deus criador, tendo, segundo evolucionistas, como base a razão e a ciência. Todavia, a fé, sendo base do cristianismo, tem sido motivo de risos por parte de evolucionistas e ateus. É claro que ela é o firme fundamento do cristão (Hebreus 11) e de forma alguma pode-se negá-la, ou, substituí-la por qualquer método científico. Porém, segundo especialistas, o evolucionismo tem apresentado falhas nesse método. Pode-se encontrar e apontar essas falhas, tirando a total “razão” evolucionista? Existe razão na existência de um ser criador?

No primeiro capítulo dar-se-á explicação histórica do darwinismo e evolucionismo, mostrando seu principal defensor e o que ele pensava, assim como o que diz a sua teoria. Um dos pontos a ser analisado é a ação da seleção natural na variação das espécies e suas modificações; ressaltando-se ainda a reprodução, hereditariedade, variação entre caracteres individuais entre os membros da população e a variação da aptidão do organismo de acordo com o seu estado quanto a um caráter herdável. Também serão exploradas as evidências da evolução humana, como a descoberta de fósseis e a semelhança com chimpanzés.

Já o segundo capítulo terá como objetivo expor as falhas científicas da teoria evolutiva e sua falta de evidências em relação a alguns casos de extrema importância. O capítulo abordará

o que são as pesquisas científicas, o que pesquisam e o que presumem, mostrando que a teoria darwiniana também possui seus passos em um terreno escuro e totalmente sem visão, tendo implicações mais filosóficas do que científicas. O texto ainda abordará estudos paleontológicos, pelos quais, os fósseis de supostos ancestrais humanos são extremamente duvidosos. Por fim, o capítulo explicará se grandes mutações podem realmente acontecer, tendo como fim a probabilidade de todos esses fenômenos acontecerem.

O terceiro e último capítulo terá como objetivo expor as evidências de um criador, sendo analisados alguns argumentos filosóficos e históricos como os argumentos cosmológico, teleológico e moral. Analisa-se ainda a Teoria do Design Inteligente, suas evidências, pretensão, aplicação e metodologia científica, mostrando que suas fontes não são registros religiosos e sim a análise de características encontradas no universo. Por fim, ainda será comentada a sincronia existente entre fé e razão, mostrando que elas não são incompatíveis, muito pelo contrário, uma dá base para o melhor conhecimento da outra, concluindo que a fé não é uma questão irracional, mas, de puro raciocínio e análise das informações apresentadas e estudadas.

# I – EVOLUCIONISMO

## 1.1 Breve história do darwinismo e teoria da evolução

Darwin nasceu na cidade de Shresbury em, 1809. Foi mandado para a Universidade de Edinburgo, pelos seus pais, que também eram clínicos, para estudar medicina, mas ficou por apenas dois anos. Na universidade achava as aulas monótonas e as cirurgias repulsivas. Porém foi um período no qual Darwin não desperdiçou o seu tempo, pois passou a frequentar aulas de geologia e a assistir muitos congressos científicos, em que aprendeu muito sobre a biologia.<sup>1</sup>

Depois de Darwin ter feito muitas viagens pelo país, e já que seu interesse não era a medicina, seu pai decidiu que ele deveria estudar teologia; aos 19 anos, ingressou na Universidade de Cambridge. Estando lá, mais uma vez, assim como em Edinburgo, suas atividades extracurriculares foram as que o beneficiaram, pois dois homens tiveram grande influência sobre Darwin: J. S. Henslow, professor de botânica, e Adam Sedgewick, professor de geologia. Foram eles que o recomendaram e fizeram a oferta a Darwin para que ele estivesse junto ao capitão Robert FitzRoy a bordo do Beagle<sup>2</sup>. Ele ainda foi grandemente influenciado por grandes e renomados cientistas da época, como o astrônomo John Herschel (1792–1871) e o naturalista e viajante Alexander Humboldt (1767–1835).

Os professores de Darwin ficaram impressionados com o seu interesse pela ciência, e com isso, Henslow passou a ampliar grandemente seu horizonte, levando-o em expedições de botânica, recebendo-o em sua casa e insistindo que lesse os livros do também naturalista Humboldt. Então, ao voltar de suas férias, no dia 9 de agosto de 1831, Darwin recebeu duas cartas: uma de seu amigo Henslow e outra do cientista George Peacock. Foi então, nessas duas cartas, que ele recebeu a proposta que mudaria sua vida e também a história: os dois o convidavam para fazer uma viagem ao redor do mundo. Segundo a carta enviada por Peacock, o governo britânico procurava alguém que auxiliasse na viagem como naturalista, fazendo um levantamento da costa sul-americana e de algumas ilhas do Pacífico<sup>3</sup>.

Essa proposta deixou Darwin tremendamente entusiasmado, tendo vontade de correr até Henslow dizendo que aceitava. Porém seu pai não concordou com esse caminho escolhido, fazendo com que Darwin desanimasse, porém, não sendo desobediente aos mandos de seu pai

---

<sup>1</sup> BRYAN, Shorrocks. **A Origem da Diversidade**: as bases genéticas da evolução. Trad. João Morgante e Priscila Guimarães Otto. São Paulo: EDUSP, 1980, p. 7.

<sup>2</sup> SOBIOLOGIA. **Pessoas e ideias que influenciaram Darwin**. Disponível em: <<http://bit.ly/2cJR954>>. Acesso em: 02 de mar. 2016.

<sup>3</sup> SPROULE, Anna. **Charles Darwin**: a história de como a teoria da evolução desafiou a visão religiosa da criação do mundo. São Paulo: Globo, 1990, p. 16.

recusou a brilhante oferta<sup>4</sup>. Darwin então viaja para a casa de seus parentes, os Wedgwoods; todavia, seu tio, ao ouvir sobre a proposta feita a seu sobrinho, não aceitou que ele recusasse tal oferta, e, em uma corrida contra o relógio, levou-o em sua carruagem de volta para casa. Já em Shrewsbury, o pai de Darwin estava frente a frente com seu filho suplicante e seu resolutivo cunhado. Dessa forma, o pai de Darwin deu-lhe permissão para a viagem, graças também a seu tio Josiah. Três dias depois da oferta, Darwin aceitava a proposta de viajar ao redor do mundo e no dia 5 de setembro ele estava em Londres para conhecer o capitão. Finalmente, no dia 27 de dezembro de 1831, Darwin, Capitão Robert FitzRoy e mais setenta tripulantes partiam navegando pelo oceano Atlântico, a bordo da embarcação Beagle. Darwin tinha 22 anos e somente cinco anos mais tarde voltaria à Inglaterra<sup>5</sup>.

Darwin, a bordo do Beagle, visitou as ilhas Galápagos, um grupo de ilhas vulcânicas próximas a linha do Equador. Foi ao chegar ao arquipélago de Galápagos que Darwin mudou seu foco, que antes era Geologia, para a Biologia. Ele notou uma grande semelhança da fauna e flora do local com a da América do Sul. Darwin também ficou muito encantado com um grupo de pássaros marrom e cinza, também conhecidos como tentilhões.<sup>6</sup> Inicialmente, Darwin havia suposto que os tentilhões pertenciam à mesma espécie, porém para ele ficou extremamente claro que cada espécie pertencia a uma ilha diferente. Desse ponto em diante, ficou evidente para Darwin que todos haviam evoluído de um tentilhão ancestral que teriam em comum.<sup>7</sup>

Esse é o primeiro ponto de vista evolutivo de Darwin e posteriormente Bryan escreveu:

Vendo esta gradação e diversidade de estrutura em um grupo pequeno, intimamente relacionado de pássaros, pode-se imaginar que a partir de pequena quantidade original de pássaros neste arquipélago, uma espécie foi escolhida e modificada para diferentes finalidades. Ao final de sua expedição junto da embarcação Beagle, Darwin estava completamente convencido de que as espécies tinham totais condições de se modificar ou evoluir, não sendo assim imutáveis. E com isso, ao voltar para a Inglaterra, imediatamente ele começou a observar e coletar fatos que poderiam estar relacionados com a variação de animais domésticos ou em estado natural e plantas.<sup>8</sup>

Depois de muita observação, o próximo passo de Darwin deveria ser criar uma teoria que explicasse o porquê dessa mudança das espécies<sup>9</sup>. Em seu caderno de anotações, que ainda existe até hoje, Darwin levou em consideração várias ideias, entre elas o lamarckismo, porém a rejeitou por não explicar a adaptação das espécies. Lamarck acreditava que todas as formas

---

<sup>4</sup> SPROULE, 1990, p. 19.

<sup>5</sup> SPROULE, 1990, p. 20.

<sup>6</sup> BRYAN, 1980, p. 9.

<sup>7</sup> RIDLEY, Mark. **Evolução**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 33.

<sup>8</sup> BRYAN, 1980, p. 10.

<sup>9</sup> RIDLEY, 2006, p. 33.

de vida, inclusive a humana, haviam evoluído ou surgido de uma espécie mais antiga. Porém, ele acreditava que o processo acontecia porque os seres tentavam de algumas formas se adaptar ao meio em que viviam. Sendo assim, seria dessa forma que as girafas passaram a ter seu pescoço mais longo, já que elas precisavam se esticar para alcançar os brotos das árvores.

Diante de tudo isso, deve-se ter em mente que Darwin não foi o primeiro a pensar em alguma forma de mutação ou evolução. Muitos cientistas já questionavam um universo criado por um deus, e junto com ele tudo o que nele existe, e que as formas de vida que nele continham ainda permaneciam da mesma forma. Uma dessas pessoas que questionavam a questão criacionista foi justamente o avô de Darwin, médico e pensador. E outro ainda mais famoso foi o francês naturalista Lamarck<sup>10</sup>.

Com as suas pesquisas e estudos a todo vapor, Darwin, entre os anos de 1844 e 1855, passou a dedicar-se a desenvolver uma melhor compreensão dos detalhes biológicos, aprofundando-se em um estudo das cracas (crustáceos marinhos, facilmente encontrados em casco de embarcações)<sup>11</sup> que resultou em dois grandes volumes sobre esse que é considerado o mais aderente dos crustáceos<sup>12</sup>.

Foi em 1856 que Darwin começou a escrever uma explicação de seus pontos de vista da evolução, sendo aconselhado pelo botânico Hooker e também por Lyell, e assim se deu início ao estudo que viria a ser chamado de Seleção Natural.<sup>13</sup> Em 1858, ao terminar o seu décimo capítulo de sua obra, Darwin recebeu uma carta de Alfred Russel Wallace, que também era um naturalista estudioso que havia feito coletas e pesquisas nas áreas de Darwin.<sup>14</sup> Wallace visitou as ilhas de Malai e Malthus, onde conseguiu exemplos muito parecidos e chegou a conclusões muito próximas à evolução das espécies. Darwin estava até então relutando para expor sua opinião sobre o assunto, mas, com a chegada da carta de Wallace, ele iniciou imediatamente uma forma de publicar a sua primeira obra.

Logo que Darwin percebeu que Wallace, ao escrever alguns pontos sobre as questões da evolução muito parecidos com as suas conclusões, teve pressa para terminar alguns de seus capítulos e publicá-los, para que a total fama e prestígio não ficasse somente para Wallace, pelo grande descobrimento, que ele teria guardado por quase 20 anos. Sendo assim, o professor Lyell

---

<sup>10</sup> SPROULE, 1990, p. 38,39.

<sup>11</sup> BIOMANIA, **Artrópodes, craca**. Disponível em: <<http://www.biomania.com.br>>. Acesso em: 17 de mar. 2016.

<sup>12</sup> ROSE, Michael R. **O espectro de Darwin: a teoria da evolução e suas implicações no mundo moderno**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 34.

<sup>13</sup> BRYAN, 1980, p. 11.

<sup>14</sup> BRYAN, 1980, p. 11.

fez o possível para que os artigos de Darwin e Wallace fossem publicados na mesma época para que os dois tivessem status da descoberta.

Depois que Wallace fez com que Darwin saísse de sua bolha, e começasse a expor sua opinião em relação à evolução, ele passou a escrever alguns materiais que defendessem melhor a sua tese, e não mais simples artigos. E assim, Darwin preparou algumas poucas centenas de páginas, do que viria a ser um dos mais importantes renomados livros. A obra “A origem das espécies” foi publicada pela primeira vez em 1859.

O resultado da publicação da obra de Darwin é conhecido e famoso até os dias atuais. Muitos atacaram o livro, porém outros jovens cientistas correram em sua defesa. Alguns até ganharam a reputação de cão de guarda de Darwin, como por exemplo T. H. Huxley<sup>15</sup>, tal reputação veio por defender Darwin dos ataques do bispo Samuel Wilberforce.<sup>16</sup> Darwin veio a tornar-se um herói para a esquerda política, revolucionários da época, anticlericais e similares; até mesmo Karl Marx quis dedicar-lhe sua obra “Dar Kapital”, porém Darwin declinou. Sem sombra de dúvidas, a comunidade científica apreciou muito a ideia do evolucionismo, ficando apenas difícil de ser engolida a Seleção Natural.<sup>17</sup>

Nos dias de hoje, muitos têm a evolução como óbvia e certa: já outros recusam a teoria por questões religiosas. De fato, muitos cristãos da época acreditavam que Deus fizera o mundo no ano 4004 a.C., assim seria o cálculo de dois clérigos. Porém, o livro escrito por Darwin esqueceu totalmente a ideia, deixando-a de lado, eliminando assim um Deus pai e bom do cenário e também qualquer ideia de criação intencional e definitiva, colocando, no lugar da criação, uma constante mudança, evolução e transformação nos seres vivos que eram remodelados e formados em sangue e sofrimento pelas forças da natureza. A seleção natural foi então nomeada e parafraseada como a “sobrevivência dos mais fortes”, que com certeza era algo muito mais duro e severo que de onde os cristãos buscavam conforto. Darwin ainda afirmava que os seres humanos não eram seres especiais, e eram tão sujeitos à lei da natureza e seleção natural como qualquer outro animal.<sup>18</sup>

Isso andava totalmente na contramão da fé cristã, gerando um forte vendaval de medo e protesto com a publicação do então polêmico livro “A Origem das Espécies”. No entanto, não demorou muito para Darwin ganhar o apoio de muitos cientistas. Muitos ainda diziam que o grande livro não era apenas um simples livro de biologia, era também uma fórmula para a

---

<sup>15</sup> GRIGG, Russel. **O bulldogue de Darwin**. Disponível em: <<http://bit.ly/2cyYRtR>>. Acesso em: 22 de mar. 2016

<sup>16</sup> LUCAS, J. R. **Wilberforce e Huxley**: um encontro lendário. *The Historical Journal*, 1979, p. 313-330 Disponível em: <<http://users.ox.ac.uk/~jrlucas/legend.html>>. Acesso em: 22 de mar. 2016.

<sup>17</sup> ROSE, 2000, p. 35.

<sup>18</sup> SPROULE, 1990, p. 13.

revolução, tornando Darwin um dos grandes revolucionários não só do século 19, mas do mundo.

Darwin ainda escreveu muitas coisas a respeito da evolução dos seres, ainda a raça humana. Porém, a vida não lhe daria tempo para concluir todas as suas pesquisas e atividades, vivendo seus últimos anos como sempre viveu: estudando e trabalhando em sua casa, na companhia de sua família e de seus animais de estimação. No entanto, no ano de 1881 ele teve um ataque cardíaco do qual resistiu: no ano seguinte, com 73 anos, teve mais dois ataques, vindo a falecer na tarde de 1882. Charles Darwin foi enterrado na abadia de Westminster, em Londres.<sup>19</sup>

## 1.2 Ação da seleção natural na variação das espécies e suas modificações

Darwin, em seu livro *A origem das espécies*, não só propôs o evolucionismo como também o defendeu, e ainda apresentou um mecanismo que explicasse a ocorrência destas mudanças evolutivas: a seleção natural. Sua teoria também era baseada em duas importantes observações.<sup>20</sup> Ele concluiu que existe uma luta pela sobrevivência, na qual muitos são eliminados, e também observou que os sobreviventes desse processo transmitem para a geração seguinte suas características.<sup>21</sup>

Vemos com satisfação a face exuberante da natureza, sempre com superabundância de alimentos; não vemos, ou nos esquecemos de que os pássaros que cantam despreocupados à nossa volta vivem de insetos e sementes; ou nos esquecemos de que os pássaros canoros, seus ovos, ou seus ninhos, são destruídos por pássaros e outros animais de rapina; nem sempre temos em mente que, embora haja agora alimentos em superabundância, isso nem sempre ocorre em todas as estações do ano.<sup>22</sup> (Charles Darwin)

Essa luta pela vida ou pela sobrevivência é nada mais que uma inevitável consequência da alta taxa de reprodução dos seres orgânicos. Cada espécie, que por exemplo, coloque ovos, deve em determinado momento ou estação, sofrer algum tipo de destruição ou dificuldade, pois, caso contrário, seu número tornaria qualquer região superlotada, de modo que nenhuma outra região suporte a tamanha quantidade da espécie.<sup>23</sup> Deve ser de grande importância, nunca se esquecer que, ao observar a natureza, cada indivíduo luta com todas as suas forças pelo seu aumento, e cada um passa por essa luta em determinado período de sua vida, seja enquanto

---

<sup>19</sup> SPROULE, 1990, p. 57.

<sup>20</sup> BRIAN, 1980, p. 11.

<sup>21</sup> BRYAN, 1980, p. 12.

<sup>22</sup> DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. Trad. Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014, p. 93.

<sup>23</sup> DARWIN, 2014, p. 94.

filhote, jovem, adulto ou velho. Reduza esse impacto, nem que seja por um momento, e a espécie aumentará quase que instantaneamente.<sup>24</sup>

Darwin ainda comenta:

Portanto é preciso lembrar que a competição será cada vez mais severa entre aquelas formas intimamente relacionadas entre si em hábitos, constituição e estrutura. Em consequência, todas as formas intermediárias entre suas etapas iniciais e avançadas, ou seja, entre as etapas menos e mais desenvolvidas de uma mesma espécie, bem como as espécies-origem, tenderão a se tornar extintas. O mesmo irá acontecer com todas as linhas de descendentes colaterais, que serão conquistadas por linhas posteriores e mais desenvolvidas. Se, contudo, o descendente modificado de uma espécie vai para alguma região distinta, ou se adapta com rapidez a um novo estado no qual descendentes e progenitores não entram em competição, ambos podem continuar a existir.<sup>25</sup>

A luta será ainda mais severa entre espécies do mesmo gênero do que seria em espécies de gênero distinto, pois na maioria das vezes existem muitas similaridades em hábitos e em sua constituição. Isso já pôde ser observado quando um determinado local foi invadido por uma espécie de andorinhas, o que resultou na diminuição de outras espécies. Esse mesmo exemplo já pôde ser observado com ratos, baratas e abelhas.<sup>26</sup>

O próprio Charles Darwin ainda completa:

Tudo o que se pode fazer é ter em mente que cada ser orgânico luta para aumentar em razão geométrica; e que cada um em algum período de sua vida, durante alguma estação do ano, durante cada geração, ou nos seus intervalos, tem de lutar pela vida e sofrer grande destruição. Quando refletimos sobre essa luta podemos nos consolar com a plena certeza de que a guerra da natureza não é incessante, que nenhum medo é sentido, que a morte em geral é súbita, e que os vigorosos, saudáveis e felizes sobrevivem e se multiplicam.<sup>27</sup>

Junto com isso, também é de suma importância compreender que a evolução requer a variação genética. Podemos ter como exemplo a mariposa inglesa de cor negra, que era minoria em relação à branca e aumentou muito sua população durante a Revolução Industrial, pois se camuflava melhor do que a branca. Sendo assim, as de cor negra conseguiam sobreviver até a época de reprodução, sobrepondo as brancas, e seu gene evoluiu a partir de cruzamentos. Com isso, a seleção natural opera sobre essa variação. Mariposas diferentes se reproduziram, deixando mudanças nessas mariposas.<sup>28</sup>

---

<sup>24</sup> DARWIN, 2014, p. 97.

<sup>25</sup> DARWIN, 2014, p. 147.

<sup>26</sup> DARWIN, 2014, p. 105.

<sup>27</sup> DARWIN, 2014, p. 107.

<sup>28</sup> COLBY, Chris. **Introduction to Evolutionary Biology**. The talk Origins Archive, 1996. Disponível em: <<http://bit.ly/1CND7Uo>>. Acesso em: 20 de abr. 2016.

É possível ter uma melhor compreensão da seleção natural usando um argumento lógico que leva de suas premissas a uma conclusão. O argumento em si requer quatro condições:

- 1) Reprodução. Os seres orgânicos devem se reproduzir, para formarem uma nova geração.
- 2) Hereditariedade. A prole deve ser parecida com o casal progenitor, ou seja, os filhotes devem lembrar ou se parecer com seus pais.
- 3) Variação entre caracteres individuais entre os membros da população. Os indivíduos de um determinado grupo devem ter diferentes tamanhos corporais, sobretudo aonde os biólogos usam a palavra “caráter”.
- 4) Variação da aptidão do organismo de acordo com o seu estado quanto a um caráter herdável. Aptidão é um termo técnico usado na teoria evolutiva, que significa a média de descendentes diretos deixados por um indivíduo, em relação ao número de descendentes deixados por um membro médio da população. Pode-se então ter em mente que um membro com maior aptidão deve ter maior probabilidade de reproduzir-se.<sup>29</sup>

Se em algum habitat natural de qualquer espécie houver essas quatro condições, automaticamente ocorrerá o processo de seleção natural. Logo, se alguma delas falhar, não haverá nenhum tipo de seleção natural. Deve-se também levar em conta que plantas, que não tem a habilidade de reprodução, não podem evoluir por meio da seleção. Seres que se reproduzem, mas suas características parentais não são herdadas pelos descendentes, também não podem evoluir por meio da teoria. Todavia, quando essas quatro condições são realidades num determinado local, os seres com maior aptidão deixarão maior número de descendentes e aumentará sua população.

Darwin ainda argumenta em seu livro, a árvore da vida, que seria o surgimento de novas espécies e suas ramificações, tendo o desenho de uma árvore:

Como os brotos dão origem ao crescimento de vários brotos, e estes se forem vigorosos, se ramificam para fora e por cima de todos os lados dos ramos mais fracos à sua volta, assim também, creio eu, tem acontecido geração após geração com a grande Árvore da Vida que preenche a crosta da terra com seus galhos mortos e partidos, e cobre a superfície sempre com novas e belas ramificações.<sup>30</sup>

Com isso também é necessário entender que a variação genética possui dois componentes: a diversidade alélica e de associação não aleatória dos alelos. Alelos podem ser

---

<sup>29</sup> RIDLEY, 2006, p. 104.

<sup>30</sup> DARWIN, 2014, p. 160.

entendidos como as diferentes versões de um mesmo gene. Pode-se usar como exemplo o homem, pois o ser humano possui alelos A, B e O, que são os fatores determinantes para o seu tipo sanguíneo. A grande maioria dos animais, sendo também os seres humanos, possuem dois alelos, visto que um é doado de sua mãe e outro de seu pai. É possível encontrar variações consideráveis em populações naturais. Por exemplo, 45% dos cromossomos em plantas possuem mais que um alelo em seu gene da piscina alelos.<sup>31</sup>

A seleção natural é capaz de produzir a evolução quando o ambiente muda, também ela produzirá modificações evolutivas em um ambiente constante, caso de alguma forma surja uma nova forma de vida que sobreviva melhor do que a forma corrente da espécie. A seleção natural também é capaz de fazer com que uma população de qualquer espécie se mantenha constante, não sendo capaz de produzir mudanças evolutivas. Pois, se o ambiente é constante, e caso não surja uma forma de mutação na população, a seleção natural manterá a população em seu estado atual.<sup>32</sup>

A seleção natural não acontece de uma hora para outra; é um processo que demora gerações e em alguns casos milênios. Os mecanismos básicos que integram a seleção natural são limitados por características da ecologia e da genética. Uma espécie não pode ter um índice total de mortalidade muito grande; caso isso aconteça, a extinção será inevitável. O índice de uma geração hereditária numa geração pode ser limitado, por resultado de limite do número de variantes diferentes numa população; por esse motivo, é totalmente sem lógica esperar que a seleção natural promova mudanças significativas ou drásticas somente numa só geração.

Um fato é muito importante para os estudantes da evolução e da seleção natural, não é só perceber o poder e potencial da seleção natural, mas também compreender que ela costuma ter um impacto reduzido em uma qualquer geração isolada. Sendo assim, é muito difícil encontrar seus efeitos em uma só geração. Com isso, Darwin sempre fez questão de enfatizar que a seleção natural sempre foi natural e cumulativa ao longo de várias gerações, dentro do espírito gradualista. Várias pequenas e ligeiras modificações acontecem nas espécies, chegando a ser imperceptíveis no momento atual, mas que vêm a se manifestar em larga escala ao longo de milhares de anos e gerações.<sup>33</sup>

Para que uma grande modificação possa ser efetuada em uma espécie, a variedade, quando formada, deve novamente, talvez depois de um longo tempo, apresentar diferenças individuais da mesma natureza, favoráveis às que tinha antes; e estas devem ser preservadas, e assim por diante, passo a

---

<sup>31</sup> COLBY, Chris. **Introduction to Evolutionary Biology**. The talk Origins Archive, 1996. Disponível em: <<http://bit.ly/1CND7Uo>>. Acesso em: 21 de abr. 2016.

<sup>32</sup> RIDLEY, 2006, p. 105.

<sup>33</sup> ROSE, 2000, p. 64.

passo. Pela observação de que as diferenças individuais do mesmo tipo se repetem perpetuamente, essa hipótese dificilmente pode ser considerada como injustificável. Quanto a sua veracidade, só podemos julgá-la ao ver até onde a hipótese está de acordo com o fenômeno geral da natureza e o explica. Por outro lado, a crença comum de que o número de variações possíveis é estritamente limitado também é uma hipótese simplista.<sup>34</sup>

Baseado em seus incansáveis estudos e observações de animais e plantas, Darwin acreditava que a variação das espécies era consequência das condições de vida dos pais, porém tais variações não eram herdadas diretamente. Ao tocar em tais assuntos, entra em pauta a discussão entre herança direta e herança por seleção natural. Pode-se ter como exemplo animais que vivem em regiões extremamente frias. Tais animais sobreviveram porque seus pais, ao terem contato com o frio se adaptaram ao ponto de sua pele suportar o frio? Ou, aqueles que já possuíam uma pele mais grossa sobreviveram, tendo assim descendentes com as mesmas características, por meio da seleção natural? Darwin se apoiava na segunda opção.<sup>35</sup>

Uma outra proposta de variação estudada e crida por Darwin, era a “lei” do *uso e desuso*. Ele dizia que o uso de tal parte de um ser orgânico, ao ser exercitada, é fortalecida; já o desuso diminui, e tais características são herdadas. Alguns outros aspectos citados por Darwin, que também poderiam resultar em variações podem ser descritos como: a climatização, que é onde cada espécie pode se adaptar ao seu ambiente, também que todas partes muito desenvolvidas em determinada espécie, se comparadas às mesmas tendem a ser altamente variáveis e que cada ser e espécies podem apresentar variações análogas.

“Obs.”<sup>36</sup> Darwin também se impressionou muito com as observações feitas pelo Sr. Waterhouse sobre mudanças extraordinárias em relação a espécies aliadas e suas variações chamada de: “Uma parte, em qualquer espécie, desenvolvida em grau ou em forma extraordinária, em comparação com a mesma parte em espécies aliadas, tende a ser muito variável”. O próprio Darwin dizia ser inútil explicar essa preposição a alguém, sem apresentar fatos que ele havia recolhido, e que por seus motivos não conseguiu colocar em seu livro. Ele apenas dizia que essa era uma regra altamente generalizada e que estava ciente de erros, mas esperava ter dado a devida retificação. Podemos entender que essas mudanças não podem ser aplicadas a qualquer parte ou mudança, por mais extraordinária que seja a mudança e seu desenvolvimento, a menos que essa mudança tenha desenvolvida de maneira invulgar em uma ou em algumas espécies, comparando a mesma a espécies aliadas. Podemos ter como exemplo

---

<sup>34</sup> DARWIN, 2014, p. 114.

<sup>35</sup> CASTRO, Leandro; ZUBEN, Fernando Von. **A Origem das Espécies**. São Paulo: Unicamp, Tópico 2, p. 15.

<sup>36</sup> Para uma melhor exposição do tema, todas as informações a seguir são tiradas de uma única referência: “A origem das espécies”.

a asa do morcego, pois é a estrutura mais anormal e diferente, em de um mamífero, mas tal regra não se aplica aqui, já que todo o grupo de morcegos possui asas. Sendo assim, só seria possível aplicar a regra se, nesse caso, algumas espécies de morcego (do mesmo gênero), teriam extraordinariamente asas e outras não.<sup>37</sup>

Do mesmo modo, quando extraordinariamente uma parte é desenvolvida em uma espécie, comparando com espécies que possuem o mesmo gênero, Darwin concluiu que essa parte passou uma grande transformação desde a ramificação e a partir do progenitor comum do gênero. Podemos ainda entender que uma grande quantidade de modificações gera uma variabilidade não comum, podendo também ser longa e continuada. Porém, se a variabilidade for grande e contínua, órgãos desenvolvidos de forma extraordinária, que aconteceram em um período não muito distante, serão mais passíveis de se encontrar variabilidade em tais espécies, do que nas demais que permaneceram constantes por um período mais longo; isso pode ser entendido com uma regra geral. Darwin não tinha dúvidas de que a luta travada entre seleção natural e a tendência de reversão e variabilidade acabará com o tempo, e que dessa forma órgãos mais desenvolvidos de maneira anormal podem se tornar constantes.<sup>38</sup> E ele ainda conclui dizendo:

Assim, quando um órgão, por mais anormal que seja, tenha sido transmitido em aproximadamente uma mesma condição para muitos descendentes modificados, como é o caso da asa do morcego, deve ter existido, segundo a nossa teoria, durante um período muito grande em um estado bastante semelhante; e assim acabou por vir a ser não mais variável do que qualquer outra estrutura. É apenas naqueles casos em que a modificação tenha sido comparativamente recente e extraordinariamente grande que podemos encontrar a variabilidade generativa, como pode ser chamada, presente ainda em alto grau. E nesse caso, é raro que a variabilidade se torne fixa por meio da seleção contínua dos indivíduos, variando na forma e nos graus requeridos, e pela rejeição contínua daqueles que tendem a revertê-la a uma condição anterior a menos modificada<sup>39</sup>.

Deve-se ter em mente e concluir, com base na teoria de Darwin, que uma variação que se encontra nas mesmas partes da organização, de modo geral, tem sido importante para determinar as diferenças sexuais nos dois sexos da mesma espécie. Qualquer dimensão extraordinária que tenha surgido de uma parte ou órgão em uma espécie aliada, sem sombra de dúvidas, passou por grande número de extraordinárias modificações desde o início de seu

---

<sup>37</sup> DARWIN, 2014, p. 178.

<sup>38</sup> DARWIN, 2014, p. 180.

<sup>39</sup> DARWIN, 2014, p. 181.

gênero, e sendo a variação um processo longo e contínuo podemos compreender porque deve continuar a ser variável em um grau muito mais elevado do que outras partes.<sup>40</sup>

Porém, quando um pai de um grande número de descendentes modificados possui um órgão muito desenvolvido, que segundo Darwin era um processo lento e com um longo intervalo, a seleção natural, nesse caso, teve grande sucesso ao estabelecer um caráter fixo para o órgão, seja qual for a maneira extraordinária pela qual se transformou. Podemos entender que tais espécies que herdaram constituições de um pai comum, e que as influências semelhantes foram apresentadas, possuem uma grande probabilidade de apresentarem variações semelhantes, ou ainda essas espécies podem voltar a apresentar modificações e características de seus antigos pais.<sup>41</sup>

Darwin ainda conclui:

Qualquer que seja a causa de cada diferença ligeira entre a prole e seus pais - e deve existir uma causa para cada um -, temos razões para acreditar que a acumulação contínua de diferenças benéficas dá origem ao surgimento de todas as modificações importantes de estrutura em relação aos hábitos de cada espécie.

### 1.3 Evolução humana e suas evidências

Acredita-se que a evolução do homem é, com certeza, o assunto mais polêmico dos últimos 150 anos. A ideia de o homem evoluir de um ancestral comum, fez com que muitos homens questionassem ou abandonassem suas crenças, tanto na época inicial da teoria como nos dias de hoje. Deve-se entender que aquele que deseja afirmar que o homem descende de uma ancestral comum com outros animais, sofrendo modificações, deve observar, se o próprio sofre algum tipo de mudança, mesmo que ligeiramente, em sua estrutura física e em suas faculdades mentais.<sup>42</sup>

É necessário entender que toda espécie existente nos dias atuais descende de um ancestral comum. Portanto, a evolução pode ser melhor entendida ou visualizada como alguma árvore ramificada, ou ainda um arbusto, onde as raízes e troncos representam os ancestrais e as pontas representam o momento atual. Muitos ainda precisam compreender que nenhuma espécie viva nos dias atuais pode ser entendida como ultrapassada. Cada espécie vive em seu

---

<sup>40</sup> DARWIN, 2014, p. 193.

<sup>41</sup> DARWIN, 2014, p. 194.

<sup>42</sup> DARWIN, Charles. **A origem do homem e a seleção sexual**. Trad. Attilio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: HEMUS, 1974. p. 15.

tempo moderno, tendo no seu passado séries de descendentes que deixaram como resultado o atual corpo, assim como o homem.<sup>43</sup>

Segundo o pensamento de biólogos, seria uma simplificação em larga escala dizer que a espécie humana é nada mais que uma espécie animal denominada de *homo sapiens*, e de tal modo deve ser observada e estudada. O homem é a única espécie capaz de falar, transmitir ideias, pensamentos e experiências, apresenta ainda uma herança e evolução cultural. Tudo isso fez com que o homem fosse capaz de alterar o ambiente, utilizar formas de energia, transporte e produzir alimentos. Porém, muitos estudiosos afirmam que a espécie não se alterou em sua substância nos últimos 35 mil anos, já que os primeiros registros das espécies não chegam a 10 mil anos.<sup>44</sup>

Pode-se observar, diante da estrutura física do homem, que tal estrutura está construída igualmente aos modelos, tipo ou estrutura geral de qualquer outro mamífero. Ossos, por exemplo, de macacos, morcegos ou até mesmo de uma foca podem ser comparados com a estrutura óssea humana, podendo ser encontrado ossos correspondentes. As mesmas observações também podem ser feitas em músculos, vasos sanguíneos, nervos, e outros órgãos internos, assim como também o próprio cérebro, conforme foi estudado e observado por Huxley.<sup>45</sup>

Assim como também em muitos animais, o homem é capaz de não só receber, mas também transmitir algumas doenças para certos animais, como varíola, cólera, hidrofobia, herpes e etc., o que pode formar provas de uma grande ou pequena semelhança entre seus tecidos e composição. Também é possível observar que os macacos estão tão sujeitos a alguma doenças como também o homem. Outros pesquisadores durante algum tempo observaram “*cebus azarae*” uma espécie de macaco, em seu próprio país de origem. Esses macacos, por diversos motivos, tiveram apoplexia, inflamação dos intestinos e cataratas nos olhos. Alguns indivíduos mais novos, ao trocarem seus dentes de leite pelo definitivos, morriam de febre. Até mesmo os remédios usados por humanos têm os mesmos efeitos neles.<sup>46</sup>

O processo de reprodução da espécie dos mamíferos é singularmente igual desde o primeiro ato do namoro até o nascimento e alimentação da cria. Filhotes de macacos têm as mesmas necessidades de ajuda de que precisam os bebês humanos logo depois do seu

---

<sup>43</sup> COLBY, Chris. **Introduction to Evolutionary Biology**. The talk Origins Archive, 1996. Disponível em: <<http://bit.ly/1CND7Uo>>. Acesso em: 21 de abr. 2016.

<sup>44</sup> SENE, Fábio de Melo. **Genética e evolução**. São Paulo. EPU, 1981, cap. 9-2.

<sup>45</sup> DARWIN, 1974, p. 16.

<sup>46</sup> DARWIN, 1974, p. 18.

nascimento, alguns mais jovens também chegam a diferenciar dos adultos de modo tão completo, assim como uma criança difere de seu pai. Outros escritores ainda afirmam como evidência a idade em que os macacos alcançam a idade adulta em comparação como o homem, levando em conta que o homem é o que alcança a fase adulta mais tarde. Alguns observaram que os orangotangos se tornam adultos por volta de 10 a 15 anos.<sup>47</sup>

Com isso Darwin esclarece: “Evidencia-se extremamente estreita a correspondência na estrutura geral, na estrutura particular dos tecidos, na composição química e na constituição entre o homem e animais superiores, especialmente os macacos antropomorfos”.<sup>48</sup>

Segundo várias pesquisas e estudos feitos de conotação científica, foi descoberto o que seria o primeiro ancestral comum com o homem, há 4 milhões de anos. Estes são chamados de homínídeos, pertencentes à classe dos *Australopithecus*, que, segundo estudiosos, diferenciavam-se dos demais pelo fato de andarem de forma ereta. Porém, apesar de ser considerado um ancestral comum, não existe um estudo que determine uma escala evolutiva. Também segundo historiadores, outro fóssil encontrado, chamado de *Homo Habilis* que teria vivido há 2,4 milhões de anos, seria o sucesso do *Australopithecus*. Posteriormente, há 1,8 milhão de anos, teria vivido o também chamado *Homo Erectus*. Nesse espécime teria sido encontrada uma postura mais ereta e um maior porte em sua caixa craniana. Estes teriam vivido nas regiões da África, Ásia, China, Etiópia e Tanzânia.<sup>49</sup>

O professor e historiador Rainer Gonçalves Sousa ainda diz, em seu artigo apresentado ao site Mundo Educação:

A partir do processo evolutivo sofrido por esse último espécime (homo erectus), haveria surgido o chamado Homo sapiens, uma espécie da qual descenderia o Homo neanderthalensis. Este integrante do processo evolutivo humano teria vivido entre 230 e 30 mil anos atrás. De acordo com os estudos a seu respeito, o neanderthalensis produzia armas e utensílios com maior sofisticação e realizavam rituais funerários simples. Durante algum tempo, teria vivido juntamente como o Homo sapiens moderno.<sup>50</sup>

Pode-se, desta forma, crer que o homem está sujeito a uma grande variabilidade, e isto é um fato evidente. Dois indivíduos da mesma espécie, mesmo que sejam muito parecidos, terão milhares diferenças em suas fisionomias. Tal variabilidade ou diferenças, tratando-se também de faculdades mentais de homens da mesma raça, é de tamanho conhecimento universal que

---

<sup>47</sup> DARWIN, 1974, p. 19.

<sup>48</sup> DARWIN, 1974, p. 20.

<sup>49</sup> GONÇALVES, Rainer Souza. **A evolução do homem**. Pré-história, Mundo Educação. Disponível em: <goo.gl/dvH9aY>. Acesso em: 23 de abr. 2016.

<sup>50</sup> GONÇALVES. Disponível em: <goo.gl/GSuXN4>. Acesso em: 23 de abr. 2016.

não é preciso comentá-las. Isso também é aplicado para animais que se desenvolveram de outros inferiores.<sup>51</sup>

Com respeito a questões de variabilidade do homem, Darwin ainda afirma:

No que diz respeito às causas da variabilidade em todos os casos somos ainda muito ignorantes, mas podemos ver que tanto no homem como nos animais inferiores estas causas estão de qualquer modo em relação as suas condições a que cada espécie tem ficado exposta no decurso de múltiplas gerações.<sup>52</sup>

Agora, nesse ponto, deve-se lembrar de uma pergunta que é feita com muita frequência, que é se a espécie humana realmente descende do macaco. Muitos precisam entender que, na realidade, seria extremamente difícil crer que a espécie humana seja um descendente da espécie atual de macacos. É preciso saber que, na verdade, há mais ou menos 30 milhões de anos, as espécies que descendem da família homínídeo, que são a espécie humana, gorila, chimpanzé e gibão tiveram um ancestral comum, e somente daí, desenvolveram-se e evoluíram como espécies isoladas em sua genética até atingirem a atual forma.<sup>53</sup>

Tratando-se de radiações adaptativas, pode-se dizer que foram delas que se originaram os mamíferos, tendo início na era Cenozóica, há cerca de 75 milhões de anos. Dessa forma, cada linhagem mamífera adaptou-se e explorou um determinado tipo de vida ou ecossistema, ocupando novas condições e novo nicho que eram sempre modificados pelas condições climáticas. E é dentro de uma dessas linhas de mamíferos que também se origina a espécie humana.<sup>54</sup>

A evolução do homem pode muito bem se encaixar e ser simplificada em cinco breves pontos: 1) adoção de postura bípede e aperfeiçoamento da mão para feitura e uso de instrumentos; 2) O aumento do tamanho do cérebro e da inteligência; 3) Mudança de dieta; 4) O aumento de sua capacidade de comunicação e de comportamento comunitário organizado; e, 5) A alterações no ritmo do desenvolvimento.<sup>55</sup>

Através de fósseis antigos encontrados e aceitos atualmente, pode-se dizer que os homínídeos se originaram há cerca de 5 milhões de anos. Porém são fósseis bastante incompletos e poderiam ser facilmente confundidos com macacos da época. Todavia, o esqueleto do *Australopithecus Afarensis*, que foi batizado como “Lucy”, foi encontrado junto com pegadas, mostrando que ela poderia ser bípede. O tamanho do seu cérebro era semelhante

---

<sup>51</sup> DARWIN, 1974, p. 39,40.

<sup>52</sup> DARWIN, 1974, p. 39.

<sup>53</sup> SENE, 1981, capítulo 9-2.

<sup>54</sup> CARVALHO, Humberto C. de. **Fundamentos de genética e evolução**.MG, BH: UFMG, 1980, p. 349.

<sup>55</sup> CARVALHO, 1980, p. 361, 362.

ao de um chimpanzé. Ela pode ser descrita como sendo humano do pescoço para baixo e macaco do pescoço para cima.<sup>56</sup>

Apenas 40% do esqueleto de Lucy foi encontrado, resumindo-se a 52 ossos e medida de 1,10 metro. O fóssil foi encontrado no ano de 1974 por uma equipe de pesquisadores, que na presente época apresentaram Lucy como a mãe da humanidade, pois acreditava-se que havia uma espécie de pré-humanos para o período de 3 a 4 milhões de anos.<sup>57</sup>

Porém, em março de 2011, foram encontrados por pesquisadores restos fossilizados de um hominídeo que datava de 3,3 a 3,5 milhões de anos, mesma época que o fóssil Lucy, descartando-a como mãe da humanidade. A parte fossilizada trava-se de restos de uma mandíbula superior e inferior juntamente com alguns dentes separados a 35 quilômetros da região onde foi encontrada Lucy. Tais fósseis foram encontrados em uma parte desértica da Etiópia, considerada um dos berços da humanidade.<sup>58</sup>

Já nos dias atuais, levando em conta a variabilidade de seu gene, a espécie humana ocupa praticamente todos os lugares da terra. Possuindo várias técnicas de plantio e reservas de alimentos, a espécie evoluiu cultural e socialmente. Com isso, a seleção natural deixou de ser predominante na questão adaptativa dos indivíduos. Sendo assim, dentro da variabilidade genética também é admitida, biologicamente, pessoas com mais ou com menos inteligência, ou capacidade de sobreviver, embora tal capacidade intelectual não possa ser medida com exatidão. Logo, embora existam sociedades culturalmente mais evoluídas, não se poderia dizer que existe biologicamente uma mais evoluída que a outra.<sup>59</sup>

---

<sup>56</sup> RIDLEY, 2006, p. 568.

<sup>57</sup> PRESSE, France. **Descoberto hominídeo que viveu na mesma época que Lucy na etiópia.** G1, 2015. Disponível em: <<http://glo.bo/2cKzCqx>>. Acesso em: 24 de abr. 2016.

<sup>58</sup> PRESSE, 2015. Disponível em: <<http://glo.bo/2cKzCqx>>. Acesso em: 24 de abr. 2016.

<sup>59</sup> SENE, 1981, capítulo 9-7.

## II – DIFICULDADES DO EVOLUCIONISMO

Muitas cientistas e especialistas têm debatido a teoria evolutiva nos dias atuais. Diversas críticas também vêm sendo publicadas desde a publicação da obra de Darwin; todavia, com o passar do tempo e o aprimoramento da ciência, muitos especialistas têm abandonado a teoria. Inúmeros ainda têm confessado que a teoria evolutiva está sendo grandemente influenciada por uma filosofia não científica. De fato, o maior motivo pela teoria ser tão aceita por alguns é o ateísmo, sendo usado como argumento para a sua racionalidade e crítica em relação à fé religiosa. No entanto, o capítulo abordará diversas críticas científicas à teoria, que a acusam de, crédula ou filosófica.

### 2.1 O que os cientistas presumem e o que eles pesquisam

Nos dias atuais, alguém desafiar ou questionar algo tão aceito por cientistas e professores, como a teoria da evolução de Charles Darwin, seria, no mínimo, sério ou escandaloso. Com isso, a religião é convidada a examinar continuamente as supostas provas formuladas e apresentadas pela teoria evolutiva, desde que uma grande parcela de pessoas a considera fundamentalmente como um naturalismo mecânico.<sup>60</sup> Para muitos autores, a evolução não passa de uma crença. E para o doutor em filosofia J. D. Thomas, um ponto de interrogação deveria ser posto logo após qualquer afirmação, tratando-se da teoria da evolução.<sup>61</sup> Muitos estudiosos ainda tentam explicar e mostrar claramente, inclusive com argumentos de defesa, até mesmo daqueles que defendem a teoria, dizendo que a evolução não é realmente um fato comprovado, como muitos alegam. Ela não pode ser entendida como uma lei científica demonstrada, mas como uma explicação ou interpretação de determinados fatos, e por isso como uma crença da parte dos que a defendem.<sup>62</sup>

Talvez, para entender melhor o que é uma teoria, e por que é dado esse nome ao estudo, é necessário compreender de forma mais técnica os termos apresentados. Uma teoria pode ser entendida como:

Uma explicação plausível ou cientificamente aceitável, bem fundamentada, que explica algum aspecto do mundo natural. Um sistema organizado de conhecimento aceito que se aplica a uma variedade de circunstâncias para explicar um conjunto específico de fenômenos e prever as características de fenômenos ainda não observados. (U. S. National Academy of Sciences).<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> THOMAS, J. D. **Razão e ciência**. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Cristã, 1999, p. 139.

<sup>61</sup> THOMAS, 1999, p. 140.

<sup>62</sup> THOMAS, 1999, p. 142.

<sup>63</sup> Disponível em: <<http://www.nasonline.org/>>. Acesso em: 26 de abr. 2016.

Uma boa forma de entender e compreender a ciência é entender seu real significado. Ciência vem da palavra *Scientia* (latim), e tem, em seu significado, conhecimento. O dicionário “Houaiss” diz que a ciência é um dos inúmeros ramos particulares e específicos do conhecimento, caracterizados por sua natureza empírica, lógica e sistemática, baseada em provas, princípios, argumentações ou demonstrações que garantem ou legitimem a sua validade.<sup>64</sup>

Ainda falando sobre os significados do termo teoria científica, Freire-Maia diz:

A teoria científica representa uma interpretação de fatos. Quando parece bem alicerçada, torna-se um consenso entre os cientistas até que venha a ser substituída por outra. Essa substituição nem sempre significa uma mudança radical, mas apenas acréscimos ou redução de alguns elementos, ao lado de aperfeiçoamentos destinados a obter uma melhor aproximação entre teoria e realidade. E mesmo quando a mudança nos parece radical (por exemplo, com o surgimento de um novo paradigma), nem assim tudo o que era do passado se mostra “errado”. Exigir “verdade absoluta” em ciência é esperar que ela nos dê algo totalmente fora de suas possibilidades”.<sup>65</sup>

Ainda há muita especulação do real significado de teoria e método científico. Mas logicamente tal método deve ser aplicado e observado corretamente, sendo registrados os fenômenos naturais identificados. Em seguida, o pesquisador irá desenvolver o que é conhecido como hipótese científica, que é retirada obviamente de suas observações, e com isso haverá previsões de sua pesquisa. Logo em seguida, o pesquisador testará sua hipótese, fazendo experiências para verificar se o resultado previsto realmente acontecerá. Caso aconteça, e suas previsões mostrarem-se corretas, então a experiência é considerada verificada. E, por fim, diante das confirmações e previsões, a hipótese finalmente torna-se uma teoria, e tal teoria, passando por futuros testes, pode alcançar a condição de lei científica.<sup>66</sup>

Com isso, alguns estudiosos da área garantem que estudantes do evolucionismo deveriam considerar a matéria de evolução ou o pensamento neodarwinista como uma simples e suposta melhor explicação para a existência dos seres vivos, inclusive humanos, que a ciência pode fornecer. Agora, se a teoria da evolução pode ser entendida como verdadeira, muitos admitem que isso é outra questão, por isso, essa discussão não poderia entrar em pauta sem que pudéssemos pensar ou considerar a existência de um eterno Criador.<sup>67</sup>

---

<sup>64</sup> ANUNCIACÃO, Paulo Eugênio Mendonça de. **Existe alguém lá fora do universo**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2012, p. 52.

<sup>65</sup> MAIA, Newton Freire. **Criação e evolução**: Deus, o acaso e a necessidade. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 11.

<sup>66</sup> ANKERBERG, John. **Os fatos sobre criação e evolução**. Trad. Neyd Siqueira. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite, 1999, p. 14.

<sup>67</sup> JOHNSON, Phillip E. **Como derrotar o evolucionismo com mentes abertas**. São Paulo: Cultura Cristã, 1997, p. 59.

Muitos ainda concordam que entender a filosofia do darwinismo é uma das chaves para entender por que muitos cientistas procuram evitar as questões mais difíceis, e por que a teoria evolutiva é tão controversa. É verdade que biólogos têm total autoridade para impor suas posições sobre as questões da biologia, mas devemos entender que eles não possuem nenhuma autoridade para impor uma filosofia à sociedade, assim como o famoso biólogo Richard Dawkins. Olhando para esse cenário, muitos biólogos perderão seu poder quando as pessoas perceberem isso. O professor Phillip Johnson ainda afirma:

É por isso que é tão importante para eles insistirem que “a evolução é um fato”. Mude isso para “a evolução é uma filosofia” e o jogo está encerrado. A criação exige um criador? Você pode presumir uma resposta no nível filosófico, ou pode tratá-la como uma questão de fato aberto a investigação científica, mas não pode legitimamente, fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Eu ensinaria aos estudantes dos livros didáticos ou de outras autoridades que tentam manter as duas posições.<sup>68</sup>

Muitos questionadores da teoria da evolução alegam que a ela possui tanta força porque muitos professores e cientistas a descrevem como uma “verdade absoluta”, e com isso muitos apoiam tal teoria pelo motivo de várias outras pessoas também a apoiarem. O filósofo Irving M. Copi usa o argumento da política para dizer que tal tentativa é totalmente errada e ilógica. O político, em sua campanha, usa, em seu repertório de argumentos, o fato de todos estarem votando nele, e por isso mais pessoas deveriam votar. Outros ainda alegarão em suas propagandas que tal cigarro é o mais vendido e por isso todos devem comprar. Alguns ainda dirão que uma grande maioria de pessoas tem determinada crença, e por isso ela deve ser verdadeira. Irving ainda argumenta que a aprovação popular não serve como amparo de aceitação, assim como o fato de várias pessoas consumirem tal produto não garante que o mesmo seja satisfatório, pois a concordância geral não prova a veracidade de um fato.<sup>69</sup>

Alguns autores ainda chamam aqueles que discordam da teoria da evolução de “ultraconservadores”, e obviamente ninguém quer ser tachado por esse nome. Muitos ainda dirão que todo aquele que nega a evolução, sequer pode ser chamado de cientista, e logicamente, pode-se perceber, olhando para o parágrafo anterior, que esses pensamentos são psicologicamente eficientes, e influenciam muitos. O zoólogo M. D. S. Watson ainda firma: “A evolução é uma teoria universalmente aceita, não por ter sido comprovada, mas porque é a única alternativa; a ‘criação especial’ é claramente impossível” -*London Times*, 03/08/1929.<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> JOHNSON, 1997, p. 59.

<sup>69</sup> COPI, Irving Marmer. **Introdução a lógica**. Trad. Álvaro Cabral. 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978, p. 80.

<sup>70</sup> BORGES, Michael. **Podemos confiar na bíblia?** 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2cyh9Pi>>. Acesso em: 25 de abr. 2016.

O Dr. R. L. Wysong declara que, mesmo que o evolucionismo admita todas as citações acima, sobre ciência e método científico, a teoria de Darwin ou da evolução não é científica em última análise, já que a evolução pouco possui ou sequer possui fatos observados ou verdades demonstradas. Especialistas dizem que argumentos evolucionistas, como a micromutação, pode ser sim demonstrada, mas estudiosos dirão que tais fatos nada têm a ver com a evolução, no âmbito de mudança de espécie. Wysong ainda observa que a teoria evolutiva não é uma observação ou formulação correta do método científico verdadeiro. Tais cientistas afirmam que a teoria evolutiva tenta explicar a forma primária de organismos desconhecidos, com a ajuda de agentes químicos não conhecidos, com uma atmosfera de composições raras, sob condições inexplicáveis, onde alguma forma orgânica iniciou uma escada evolutiva, mediante evoluções e evidências desconhecidas.<sup>71</sup>

John McArthur ainda comenta sobre o livro “A origem das espécies” de Darwin:

Graças à teoria da evolução, o naturalismo é agora a religião dominante da sociedade moderna. Menos de um século e meio atrás, Charles Darwin popularizou o credo para esta religião secular com seu livro “A Origem das Espécies”. Embora a maioria das teorias de Darwin sobre os mecanismos da evolução foram descartados há muito tempo, a doutrina da própria evolução conseguiu alcançar o status de um artigo fundamental da fé na mente popular moderna. O naturalismo já substituiu o cristianismo como a religião principal do mundo, e a evolução tornou-se dogma principal do naturalismo.<sup>72</sup>

O teólogo e doutor em filosofia Willian Lane Craig declara que nos dias atuais muitos acreditam que se o processo de seleção natural pode, por exemplo, explicar o processo evolutivo do cavalo, então pode-se concluir que ele também pode explicar todo o mecanismo darwinista em relação à diversidade biológica. Porém, essa conclusão é no mínimo um equívoco, se levarmos em conta que, se a evolução de fato aconteceu, tal dentro de uma única espécie, não é nada se for comparada a uma variedade de vida tão complexa existente.<sup>73</sup>

Pode-se ainda levar em conta que, se as mutações aleatórias e a seleção natural pudessem realmente acontecer, por exemplo, como se poderia explicar de que forma um morcego e uma baleia vieram de um ancestral comum? Esse fato certamente mostraria a veracidade dos mecanismos darwinistas. Todavia, se levassem em conta que um morcego e uma baleia são ambos mamíferos, e que são apenas um dos grupos dos vertebrados, tal evolução

---

<sup>71</sup> ANKERBERG, 1999. p. 14.

<sup>72</sup> MACARTHUR, John. **The Battle for the Beginning**: the Bible on creation and the fall of Adam. Nashville, TN: 2001, p. 11.

<sup>73</sup> CRAIG, Willian Lane. **Criacionismo evolucionista e a imagem de Deus na humanidade**. Reasonable Faith, Questão 316. Disponível em: <<http://bit.ly/2cZrTVf>>. Acesso em: 25 de mar. 2016.

de um ancestral em comum chega quase a não ser notada em comparação com a grande variação do reino animal. Ainda assim essa demonstração não seria capaz de explicar, por exemplo, como um morcego e um ouriço do mar evoluíram a partir de um ancestral comum, isso sem levar em conta um morcego e uma esponja do mar e muitos outros. Chamar tudo isso de uma gigantesca extrapolação seria a representação mais plausível.<sup>74</sup>

Richard Lewontin, geneticista e professor de Harvard, declara em sua crítica ao livro “The Demon-Haunted World: Science as a Candle in the Dark” (O Mundo Assombrado pelos Demônios: Ciência como uma vela no escuro), de Carl Sagan, que muitos cientistas aceitam algumas histórias de certa forma absurdas, por conta de seus compromissos com o materialismo.

Lewontin declara em sua crítica:

A nossa vontade de aceitar afirmações científicas que são contra o senso comum é a chave para a compreensão da verdadeira luta entre a ciência e o sobrenatural. Tomamos o lado da ciência apesar da patente absurda de algumas de suas construções, *apesar* de seu fracasso para cumprir muitas de suas promessas extravagantes de saúde e de vida, *apesar* da tolerância da comunidade científica para infundadas histórias, porque temos um compromisso prévio, um compromisso com o materialismo. Não é que os métodos e instituições da ciência de alguma forma nos obriguem a aceitar uma explicação material do mundo fenomenal, mas, pelo contrário, que somos forçados pela nossa *a priori* adesão a causas materiais para criar um aparato de investigação e um conjunto de conceitos que produzem explicações materiais, não importa o quão contra intuitivo, não importa quão mistificadora para os não iniciados. Além disso, que o materialismo é absoluto, pois não podemos permitir um Pé Divino na porta.<sup>75</sup>

Com essa forte declaração do professor e cientista Richard Lewontin, pode-se entender que a evolução está longe de ser um fato, antes é uma filosofia. Pode-se entender que, diante dos argumentos evolucionistas, o materialismo está na frente, e suas evidências são entendidas e interpretadas de acordo com esse compromisso filosófico inalterável. E, se por acaso, alguma suposta evidência parecer, ou ainda ir contra a filosofia, tal evidência é descartada. Pois, para cientistas materialistas, qualquer erro científico ou teoria defeituosa torna-se melhor do que permitir o “Pé Divino na porta”.<sup>76</sup>

---

<sup>74</sup> CRAIG. Questão 316. Disponível em: <<http://bit.ly/2cZrTVf>>. Acesso em: 25 de mar. 2016.

<sup>75</sup> LEWONTIN, Richard. **Billions and Billions of Demons**. The New York Times, 1997. Disponível em: <<http://bit.ly/2cnPxic/>>. Acesso em: 26 de mar. 2016.

<sup>76</sup> JOHNSON. 1997, p. 87.

## 2.2 Paleontologia e fósseis questionam um ancestral comum

A doutora Marcia Oliveira de Paula, bióloga e mestra em ciência com ênfase em microbiologia, garante que a falta de elos intermediários no registro fóssil é um grave problema para a teoria evolutiva. Ela diz não haver fósseis intermediários para que a teoria evolutiva possa ser lacrada como verdadeira. Segundo suas pesquisas, seria necessário haver nas colunas geológicas milhares de fósseis em transição, todos contendo características dos grupos anteriores e posteriores, porém poucos exemplares que poderiam ser considerados foram encontrados nas regiões. Até mesmo o fóssil conhecido como *archaeopteryx*<sup>77</sup>, que aparentemente poderia ser a mudança entre répteis e aves, foi encontrado com penas, logo alguns concluem que se tratava de uma ave. Um outro grupo de répteis, que segundo estudiosos era a transição de répteis e mamíferos, chamados de *terapsideos*, é um bom exemplo muito raro e também questionado.<sup>78</sup>

O criacionista americano James Gibson ainda argumenta sobre o assunto.

O registo fóssil mostra grupos separados em toda a sua extensão. Os grupos fósseis raramente se unem em ancestralidade comum no registro fóssil, com exceção, talvez, de uns poucos exemplos nos níveis taxonômicos inferiores, tais como espécies e raças. Os grupos maiores como filos e classes, mantêm suas identidades separadas em toda a coluna geológica. Isto apoia a teoria das múltiplas ancestralidades separadas. Apesar de se explicar esse fato como sendo devido a um registro fóssil incompleto, parece estranho que as maiores lacunas no registro fóssil devam ocorrer onde se propõe as maiores quantidades de mudança. Por exemplo, existem muitos fósseis de moluscos e muitos fósseis de artrópodes, mas nenhum fóssil que seja um elo razoável entre estes dois grupos.<sup>79</sup>

Outro problema levantado pelo paleontólogo David Raup também é a falta de evidências fósseis com ancestralidade. Segundo ele, já se passaram mais de 120 anos desde os estudos de Darwin, e ao contrário do que se previa, encontrar exemplos de transições em fósseis tornou-se ainda mais difícil do que em sua época. Como resultado disso alguns estudos em relação à evolução do cavalo foram modificados ou descartados.<sup>80</sup>

De fato, é muito ruim quando um dos lados de um debate passa a ignorar evidências que prejudicam o seu argumento. Tal exemplo pode ser observado em debates sobre o

---

<sup>77</sup> CASTRO, Joseph. **Archaeopteryx**: the transitional fóssil. Disponível em: <<http://bit.ly/1JSBups>>. Acesso em: 25 de mar. 2016.

<sup>78</sup> BORGES, Michelson. **Por que creio**: doze pesquisadores falam sobre ciência e religião. 2.ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010, p. 53.

<sup>79</sup> GIBSON, James. **Problemas biológicos na evolução**. Trad. Marcia Oliveira de Paulo. Disponível em: <<http://origins.swau.edu/>>. Acesso em: 25 de mar. 2016.

<sup>80</sup> PARKER, Gary. **Creation, Selection, and Variation**. Acts & Facts, 1980. Disponível em: <<http://bit.ly/2coMcQ0/>>. Acesso em: 28 de mar. 2016.

evolucionismo, em que vários professores e livros passam a apresentar fósseis que podem facilmente ser aceitos e interpretados, sem uma avaliação correta, como formas transitórias de uma determinada espécie. Muitas vezes alunos não são informados de evidências contrárias à teoria, como por exemplo a explosão cambriana e sua falta de ancestrais de alguns grupos de animais. Em alguns casos, como em museus que foram capazes de apresentar ancestrais comuns falsos, na tentativa de induzir seus visitantes a acreditar em suas descobertas.<sup>81</sup>

Com isso, não é difícil encontrar alguns leitores espantados ou ainda impressionados com informações exageradas de fósseis específicos, ao afirmarem que o já citado e famoso pássaro/réptil *archaeopterix* ou ainda o hominídeo Lucy são provas incontestáveis da evolução. No máximo, tais fósseis podem ser entendidos como possíveis ancestrais de grupos vivos e tal classificação já possuiu muita interpretação. Diante dessas supostas evidências deve-se insistir na pergunta certa: O fóssil, examinado como um todo e sem pré-conceitos ou ideias formadas, tende a concordar com a teoria evolutiva?<sup>82</sup>

O professor Roberto César de Azevedo, formado em Ciências Biológicas pela USP e autor do livro “A origem Superior das Espécies”, diz que para Darwin deveria haver diversos fósseis de elos perdidos em estado de transição, todavia o que é observado é a quase inexistência desses fósseis, além disso muitos são apontados como duvidosos e, em certos casos, fraudes. Como já foi citado, o caso do fóssil *archaeopterix*, do qual foram encontrados oito exemplares, sendo que alguns aparentemente não possuíam penas, todavia em outros casos foram detectadas penas compatíveis ou similares de aves modernas; com isso, hoje o fóssil é considerado uma ave e não um elo perdido entre répteis e aves.<sup>83</sup> Muitos outros fósseis ainda foram usados de maneira desesperada para substituir a perda, com a apresentação do *Protoarchaeopterix* e o *Archaeopterix*, porém era uma simples armadilha de contrabandistas que inventaram tal elo para ganhar vantagem e dinheiro à custa de pesquisadores. Estes não são os únicos casos de erros em relação a descobertas fósseis, muitos museus estão retirando cadeias evolutivas referentes ao cavalo por terem confundido um dos possíveis elos com uma anta.<sup>84</sup>

Não é nenhum exagero ouvir alguma notícia dizendo que pesquisadores, cegos em sua doutrina evolutiva, forjaram uma suposta descoberta de um determinado fóssil, pelo qual seria supostamente possível provar a evolução. É possível observar o ocorrido em 2011, ao ser descoberto um pé em estado fossilizado, muito compatível com a anatomia humana, cuja sua

---

<sup>81</sup> JOHNSON, 1997. p. 38.

<sup>82</sup> JOHNSON, 1997. p. 39.

<sup>83</sup> BORGES, 2010. p. 152.

<sup>84</sup> BORGES, 2010, p. 154.

idade evolutiva seria de aproximadamente 3 milhões de anos, fato que, se comprovado que o pé era de um humano, refutaria mais uma vez a teoria evolutiva. Todavia, os pesquisadores concluíram que o fóssil encontrado tratava-se de um macaco-humano: o indivíduo possuía o corpo de um macaco e os pés de um humano. E claro, o osso nunca foi comparado a qualquer outro osso. Esse é um dos exemplos de como pesquisadores evolucionistas podem ser manipuladores, ao verem sua teoria ameaçada. Com isso não é impossível que ossos humanos tenham sido misturados junto aos esqueletos antigos sem serem pesquisados e notificados de maneira correta.<sup>85</sup>

Outro fóssil encontrado, chamado de *Australopithecus sediba*, escavado em 2008 em uma caverna na África do Sul, encheu os paleontólogos descobridores de esperança na expectativa de terem encontrado a transição evasiva entre homens e macacos. Todavia, o espécime encontrado não convenceu pesquisadores e paleontólogos envolvidos. Especialistas na área apontaram que tais características poderiam ser de um simples macaco juvenil e não um ponto de transição para o homem. Sem falar ainda de partes fundamentais do esqueleto, como os pélvicos principais, justamente as que diferem macacos e homens. De fato, se um macaco for observado, será possível encontrar algumas semelhanças, porém semelhanças não podem ser uma base absoluta para uma ancestralidade em comum. Aceitar tais fósseis não é ciência, e sim sua filosofia de vida.<sup>86</sup>

O Dr John Morris, presidente do “Institute for Creation Research”, ainda questiona: “Por outro lado, se a evolução é verdadeira, e os seres humanos viveram na Terra há três milhões de anos, muitos trilhões viveram e morreram. Onde estão *os seus* fósseis? Esta é a pergunta mais irritante”.<sup>87</sup>

É possível observar que não são apenas esqueletos fósseis na cadeia evolutiva que estão faltando, mas também qualquer traço real de sua existência. Vários esqueletos humanos estão sendo encontrados em cavernas, junto com suas fogueiras e objetos. Muitos pesquisadores descreveram alguns fósseis de espécimes primatas extintas, ditando-os como seres humanos ainda não conhecidos, porém, para o fracasso de muitos, apenas seres humanos continuaram a ser encontrados. Há muitos anos, estudiosos têm feito pesquisas e encontrado diversas maravilhas deixadas por antigas civilizações humanas. Esculturas e pinturas bastante detalhadas

---

<sup>85</sup> THOMAS, Brian. **Pre-Flood Human Fossils Revisited**. Acts & Facts, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2cZu0bv/>>. Acesso em: 29 de mar. 2016.

<sup>86</sup> MITCHELL, Elizabeth. **New African Fossils Alter Perception of Human Origins**. Answers in genesis, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2cxwFuE/>>. Acesso em: 28 de mar. 2016.

<sup>87</sup> Morris, Jon D. **Why Don't We Find More Human Fossils?** Acts & Facts, 1992, The Institute for Creation Research. Disponível em: <<http://bit.ly/2coMtSU/>>. Acesso em 23 de mar. 2016.

não poderiam ser obras de simiescos ou pré-humanos; em vez disso, mostram que antigos antepassados possuíam tanta inteligência e capacidade como hoje.<sup>88</sup>

O paleontólogo do Museu Britânico de História Natural, Dr. Collin Petersson, concorda com a grande falta de evidência fóssil para conectar o homem a uma ancestralidade inferior primata. Ao ser questionado se o *Australopithecus* teria tal ancestralidade, Dr. Collin é direto ao dizer que não há maneira de saber se tais esqueletos são ancestrais de alguma coisa. Dr Peterson, ao ser criticado pela falta de fotos de alguma transição fóssil em seu livro, argumenta que colocaria, caso conhecesse alguma forma; ele ainda afirma que não poderia oferecer alguma forma artística, pois poderia estar sendo desonesto com seus leitores. Dr Peterson ainda afirma:

A razão é que as declarações sobre ancestralidade e descendência não são aplicáveis no registro fóssil. Archaeopteryx é o ancestral de todas as aves? Talvez sim, talvez não, não há nenhuma maneira de responder à pergunta.<sup>89</sup>

Stephen Jay Gould, falecido paleontólogo, dizia que, embora fósseis homínídeos fossem usados como argumentos de intermináveis especulações e diversas histórias, tais esqueletos não passam de crânios e mandíbulas fragmentados. Em 2001, a “Nature editor Henry Gee” disse que os fósseis apresentados como argumento para a evolução do homem são bastante fragmentados e passíveis de diversas interpretações diferentes.<sup>90</sup>

Diversos livros e trabalhos trazem em seu conteúdo algumas imagens de homínídeos, que, sem sombra de dúvida, induzem seus leitores ao erro, por realmente acreditar que tais espécimes eram exatamente da forma apresentada. Deve-se entender que tais representações são baseadas somente em fragmentos fósseis, que, como já citado, sugerem diversas interpretações, que no caso apontam para a questão evolutiva.<sup>91</sup> Earnest A. Hooton, antropólogo físico e professor da universidade de Harvard, advertia desde 1931, dizendo que os modelos de reconstrução eram extremamente duvidosos, visto que toda a formação mole do espécime era baseada somente no fóssil, porém, na falta de partes do crânio, era acrescentada a visão do

---

<sup>88</sup> THOMAS, Brian. **Pre-Flood Human Fossils Revisited**. Acts & Facts, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2cZu0bv/>>. Acesso em: 29 de mar. 2016.

<sup>89</sup> PILBEAM, David. **Those Fossils Are a Problem**. Creation Magazine 1992, Vol. 14, p. 44-45. Disponível em: <<http://bit.ly/2cKFhNi/>>. Acesso em: 8 de jun. 2016.

<sup>90</sup> GEE, Henry. **Return to the planet of the apes**. Nature, Jul, 2001. Disponível em: <<http://go.nature.com/2cnOajJ>>. Acesso em: 8 de jun. 2016.

<sup>91</sup> LUSKIN, Casey. **Human Origins and Intelligent Design**. Progress in Complexity, Information, and Design. 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/2cYLzbv/>>. Acesso em: 9 de jun. 2016.

pesquisador, portanto tais restaurações têm muito pouco ou nenhum respaldo científico, sendo tendenciosas a enganar os leitores.<sup>92</sup>

É importante lembrar que, segundo os evolucionistas, os fósseis mais apresentados como argumento para a evolução são o *Australopithecus afarensis*, *Australopithecus africanus*, *Australopithecus robustus* e *Australopithecus boisei*. O fóssil batizado como “Lucy” pertencia à linhagem dos *afarensis* e é considerado, junto com o *africanus*, o mais próximo do homem. Todavia, o que é pouco salientado é que diferenças em ossos pélvicos entre *australopithecus* e Homo são extremamente nítidas, e por falta de intermediários, foi proposta por evolucionistas uma rápida evolução para o gênero Homo. Outros estudos comprovaram que os ossos de “Lucy” são muito compatíveis e semelhantes com um macaco chamado “*knucklewalking*” ou *chimpanzés-nodopedalia* e gorilas. Com isso, a espécie era adaptada a escalar árvores e andar semiereto, andando diferente de macacos e humanos vivos. Tendo como base tais estudos, fatos e argumentos, é possível, assim como evolucionistas, especular ou interpretar que tais *australopithecus* foram macacos e muito diferentes de humanos.<sup>93</sup>

O caso dos neandertais serem uma continuidade evolutiva do macaco até o homem moderno, enfraqueceu ainda mais depois de novas descobertas genéticas e arqueológicas. A suspeita é que neandertais e homens modernos cruzaram e muitas pesquisas no âmbito de DNA concluíram sequências muito alinhadas com a humana, colocando tais dentro da espécie humana. Ainda foi descoberto práticas morais e culturais de igual importância, então seriam ancestrais? Muitos creem que não, tanto a arqueologia quanto o DNA confirmam neandertais como vizinhos de uma mesma espécie.<sup>94</sup>

Já foi possível observar que os fósseis apresentam diferenças extremas comparados com membros de Homo. Muitos têm a conclusão que o Homo surgiu de repente, pelo fato de não haver registros fósseis de formas anteriores. Com tantos fatos e mitos desmascarados, parece muito mais lógico o gênero Homo ter vindo de um Criador Inteligente, do que estar totalmente preso à teoria de uma ancestralidade totalmente duvidosa, sendo macacos, *australopithecus*, ou seja lá a forma que possa ainda ser descoberta.<sup>95</sup>

---

<sup>92</sup> HOOTON, Earnest A. **Up from the ape**. New York: Mcmillan, 1947, p. 329.

<sup>93</sup> HOWELLS, W. **Getting here the story of human evolution**. The compass press, 1993, p. 69-85.

<sup>94</sup> THOMAS, Brian. **New finds reveal fully-human neandertal**. Disponível em: <<http://bit.ly/2cvACyr/>>.

Acesso em: 10 de jun. 2016.

<sup>95</sup> LUSKIN, 2004, p. 13,14,15.

## 2.3 Mutação e suas implicações

Outro forte argumento segundo os evolucionistas, é a questão das mutações, tanto as micromutações, como macromutações. Todavia, o que se sabe a respeito de tais mutações é que ainda elas estão muito longe de dar uma explicação plausível para a evolução. Que existem mutações é verdade, porém, em sua maioria, não apresentam evolução no sentido literal da palavra, pois na maioria das vezes é maléfica ou ainda mortal. Ainda não se sabe de mutações que possam formar novos órgãos, no máximo existem mutações hereditárias que são limitadas para explicar transformações de uma evolução completa, com isso, para desenvolver órgãos vitais em um estado complexo, seria necessário um complexo método ou mecanismo para formar órgãos a partir de uma única unidade de protoplasma. Sendo assim, não há conhecimento de estudos biológicos de tais mecanismos capazes de transformar ou formar mutações exigidas pela teoria evolutiva. Com isso fica muito difícil a biologia em si dar apoio para a evolução.<sup>96</sup>

O professor de medicina genômica da universidade de Washington, Joshua Swamidas, garante que a humanidade tem como parente mais próximo o chimpanzé, tendo evoluído de um pequeno animal símiesco. O argumento, mais uma vez, é o fato de o genoma do chimpanzé ser extremamente próximo ao humano, e segundo ele, a evolução é o resultado das mutações genéticas serem um influente combustível para a mudança evolutiva.<sup>97</sup>

Todavia, existem muitas pesquisas que demonstram diversas diferenças entre o genoma do macaco e do homem. A ciência não indica ou dificilmente indicará um fato básico de que humanos derivam de uma longa série de mutações genéticas. Levando ainda em conta que a seleção e mutação deve ser aleatória, ou seja, a mutação não pode ser manuseada ou projetada, assim a seleção natural não poderia guiar as mutações para uma direção correta ou adequadas para que ocorresse, fazendo que a mutação de uma única proteína isolada e sozinha, tornando o processo estatisticamente impossível.<sup>98</sup>

O que muitas vezes não é citado em palestras e debates representadas por evolucionistas é que o metabolismo, morfologia e fisiologia de primatas e seres humanos são parecidos, e somente por isso existe formação genética semelhante entre os dois. As diferenças entre humanos e símios explode na capacidade humana de falar, escrever e estudar, sem contar todas as outras variedades existentes como racionalidade e superioridade. Para se ter uma noção

---

<sup>96</sup> THOMA, 1999, p. 196.

<sup>97</sup> SWAMIADASS, S. Joshuas. **Evidence and Evolution**. The Debate. 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2cZuyhz>>. Acesso em: 11 de jun. 2016.

<sup>98</sup> HUNTER, CORNELIUS. **Stunning evidence for common ancestry?** 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2cWHrNi>>. Acesso em: 11 de jun. 2016.

do nível de argumentação evolucionista em relação à semelhança genética, pode-se ainda comparar tal semelhança do homem com a do golfinho, visto que a semelhança entre os dois é a mesma da dos primatas, e por conta disso alguns pesquisadores ainda acreditam em uma ancestralidade dentre golfinhos e humanos.<sup>99</sup>

Daí vem a importância de se entender que as mutações aleatórias não são somente responsáveis por mudanças corporais, pois mutações também deveriam ser as responsáveis pela criação ou o surgimento de consciência. Com isso, alguns evolucionistas tentam explicá-la como algo emergente ou meramente sorte ao cérebro humano ter evoluído; outros ainda poderiam afirmar que ela é uma mera ilusão. Tendo alguns desses argumentos como base, pode-se ter em mente que o evolucionismo constrói como base explicações que não correspondem ou evidenciam o mundo real.<sup>100</sup>

Outro fato muito curioso sobre as semelhanças genéticas entre animais e o homem foi divulgado por um grupo de cientistas, que diziam que o código genético encontrado em ratos poderia ajudar a compreender o organismo humano pelo simples fato de ratos e seres humanos terem os genomas tão parecidos que seria possível compará-los diretamente, o que não foi possível fazer com macacos ou até mesmo golfinhos. Pesquisas realizadas pelos cientistas só são possíveis justamente porque os ratos possuem 30 mil genes, número muito parecido com o humano e será importante para compreender, conhecer e entender melhor o funcionamento das células humanas. Os ratos foram escolhidos pois, ao contrário dos símios e golfinhos, seu código genético é mais próximo do humano. Outra aparente incoerência com o discurso evolucionista é a quantidade de cromossomos encontrados em alguns animais. Levando em conta que os ratos possuem 44, humanos tem 46, símios e macacos 48, diante disso teriam os símios “involuido” para 46 cromossomos?<sup>101</sup>

Outras comparações ainda podem ser feitas, e até mesmo órgãos similares, como o coração dos porcos. Animais não são os únicos que possuem compatibilidade com o gene humano, estudiosos dizem que a banana também possui 50 % de genes e DNA igual ao humano. É possível constatar que o gene humano contém 12% de compatibilidade com genes de petúnias e gerânios, 76 % parecido com aranhas, 76% com cachorros, 92% com porcos, 98% com gorilas, 98,5% com chimpanzés e 99% com o dos ratos. Seria extremamente difícil ou até

---

<sup>99</sup> MIGUEL, Ronaldo de Carvalho. **A Bíblia e as teorias do big bang**: verdades ou mito? Edição: do autor, Niterói, 2016, p. 22.

<sup>100</sup> HUNTER, CORNELIUS. **Stunning evidence for common ancestry?** S. Joshua Swamidass on the Chimp-Human Divergence. Evolution News, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2cWHrNi>>. Acesso em: 11 de jun. 2016.

<sup>101</sup> MIGUEL, 2016, p. 25,26.

impossível encontrar um ancestral em comum com todos estes, principalmente com uma fruta ou planta.<sup>102</sup> Outro problema para os evolucionistas surgiu depois de estudos recentes constatarem que a compatibilidade de 98,5% dos chimpanzés é errônea; Roy Britten, autor do estudo, diz que a comparação deve ser de 95%, pois o resultado depende do que exatamente é comparado, visto que há muita diferença entre os dois, desde diferença no tipo e quantidade de DNA repetitivo genômica, elementos transponíveis e etc.<sup>103</sup>

Os evolucionistas acreditam e ensinam que diversas mutações acrescentaram material genético necessário e de boa qualidade para modificar um peixe até que se formasse um ser terrestre e posteriormente um macaco. Todavia, pesquisadores já provaram que mutações não melhoram o material genético, e destroem os que já estão presentes. A experiência foi feita por microbiologistas de Uppsala, na Suécia, com genes bacterianos. Com isso, na ocasião foi descoberto que todas as mutações apresentadas tiveram um resultado negativo, isso, quando não era perigoso. Uma pergunta a ser feita e observada é que se mutações tiveram um efeito negativo em laboratório, ela poderia ter dado certo na seleção natural?<sup>104</sup>

O biofísico americano Lee Stepner, apesar de ser evolucionista, critica o fato de alguns crerem que as mutações podem trazer algum benefício ou algo positivo e acrescenta: “A informação não pode ser construída por mutações que perdem informações. Uma empresa não pode ganhar dinheiro por perder um pouco de cada vez”.<sup>105</sup>

Com o passar do tempo e com o avanço na área científica e de pesquisas, fica difícil defender a ideia de um ancestral em comum a partir de genes e DNA. Estudos garantem que, se a espécie humana tivesse como ancestral um símio, os estudos na área de DNA levariam a cromossomos de uma origem em comum com os símios ou até mesmo golfinhos e ratos, porém o que é encontrado é um retorno à origem comum, conforme as pesquisas realizadas na área de DNA mitocondrial, que é herdado da mãe, e dos cromossomos y, ou seja, o mesmo homem e a mesma mulher existentes hoje.<sup>106</sup>

De acordo com resumos e pesquisas voltados à área que trata da semelhança entre humanos e chimpanzés, vários relatórios vão de encontro à teoria evolutiva e também de argumentos de seus credores. O centro de pesquisa Ebersberger foi um dos responsáveis por

---

<sup>102</sup> MIGUEL, 2016, p. 29.

<sup>103</sup> DEWITT, David. **Greater than 98% Chimp/human DNA similarity? Not any more.** Disponível em: <<http://bit.ly/2cvBWkX/>>. Acesso em: 22 de jun. 2016.

<sup>104</sup> THOMAS, Brian. **Mutation Study Contradicts Evolution.** Institute for Creation Research, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2d1ITxR/>>. Acesso em: 12 de jun. 2016.

<sup>105</sup> SPETNER, L. **Not By Chance!** Shattering the Modern Theory of Evolution. Brooklyn: Judaica Press, 1997, p. 143.

<sup>106</sup> MIGUEL, 2016, p. 29.

realizar estudos do alinhamento múltiplo de genomas que foram analisados em formato de árvore evolutiva do gorila, homem, chimpanzé, orangotango, rhesus. Foram analisadas as sequências de DNA, sendo eles filtrados e alinhados de uma maneira ideal. Todavia, apesar de todo esforço realizado pelos pesquisadores para rastreamento o alinhamento das espécies em uma árvore evolutiva, os resultados foram decepcionantes, já que não foi encontrada nenhuma linha ou evidência clara de ascendência de humanos em relação aos chimpanzés ou qualquer outra espécie de macacos. O resultado foi uma grande sequência mosaica de DNA, anulando qualquer caminho de descendência ou ascendência comum clara, como declaram os pesquisadores:<sup>107</sup>

Por cerca de 23% de nosso genoma, não compartilhamos nenhuma ascendência genética imediata com o nosso parente vivo mais próximo, o chimpanzé. Assim, em dois terços dos casos genéticos, os resultados apontam que humanos e chimpanzés não são parentes genéticos uns dos outros. As genealogias correspondentes são incongruentes com a árvore de espécie. De acordo com as evidências experimentais, isto implica que não existe tal coisa como uma história evolutiva única do genoma humano. Pelo contrário, ela se assemelha a uma colcha de retalhos de regiões individuais na sequência da sua própria genealogia.<sup>108</sup>

Alguns pesquisadores da área genética garantem que qualquer um que apoie a teoria evolutiva de Darwin dele levar em conta a sua ignorância em relação à genética, pelo fato da área ser estabelecida como ciência em 1900, ou seja, após a sua morte. Com isso, Darwin acreditava que, ao adquirir determinada característica física, um animal poderia passar adiante em sua linhagem. Todavia, por que essas características não são passadas quando o pai perde uma perna ou algo parecido? Muito simples, é pelo fato de seu genótipo ou DNA continuar o mesmo, apesar de seu corpo ter mudado. Evolucionistas dizem que variedades de genes são passados a descendentes por milhões de anos, tendo ainda a ajuda de mutações e seleção aleatória. Porém, isso no máximo explica a sobrevivência do mais apto, e não, a mutação de seu gene, visto que a seleção natural não tem o poder de alterar o gene e DNA como um todo, podendo no máximo eliminar indivíduos fracos, levando à perda de matéria genética, e não ganho. Evolucionistas ainda garantem que importantes órgãos em homens e animais como olhos, pulmões, coração e rins surgiram pela mutação de DNA e acaso. Outros que discordam

---

<sup>107</sup> TOMKINS, Jeffrey; BERGMAN, Jerry. **Genomic monkey business: estimates of nearly identical human - chimp DNA similarity re-evaluated using omitted data.** Disponível em: <<http://bit.ly/2cxe4B4>>. Acesso em: 25 de mai. 2016.

<sup>108</sup> EBERSBERGER, I. **Mapping human genetic ancestry.** Disponível em: <<http://bit.ly/2cxe4B4>>. Acesso em: 15 de jun. 2016.

dos evolucionistas garantem que, se deixarmos uma máquina ao relento, exposta a processos aleatórios, não resolverá ou contribuirá em nada em uma operação.<sup>109</sup>

Como já dito anteriormente, a semelhança genética entre humanos e macacos é relativa, pelo simples fato de depender de qual área será comparada, levando ainda em conta que comparações evolucionistas são tendenciosas. Pois, uma equipe de pesquisadores da “Wayne Stade University” comparou 97 genes humanos com macacos, tendo um resultado de 99,4% de similaridade. No entanto, o que não é ressaltado por evolucionista é que o genoma humano foi mapeado com pelo menos 30.000 genes, ou seja, apenas 0,03% do genoma foi comparado.<sup>110</sup> Com isso, usar a ancestralidade comum entre humanos e chimpanzé, tendo como argumento suas semelhanças, é nada mais do que um mito.<sup>111</sup>

Sempre existirão especulações por parte dos evolucionistas como: talvez a evolução proporcionou isso ou aquilo. Contudo, o fato do genoma primata não apoiar a hipótese de um surgimento humano através dos primatas não muda, a menos que a ciência pura e não tendenciosa prove isso. Por fim, existem inúmeras contradições e dificuldades da teoria, principalmente porque o genoma primata não suporta a teoria evolutiva.<sup>112</sup>

## 2.4 Probabilidade do acaso, evolução e fé

Alguns evolucionistas enchem-se de orgulho de sua aparente racionalidade científica, porém, até mesmo cientistas renomados têm encontrado diversas dificuldades de aceitar a ideia de que tudo veio do nada. Ocorrências milagrosas de todas as teorias das origens começaram a tornar-se mais aparentes depois que a ciência moderna começou a descobrir e a revelar a complexidade indescritível do mundo orgânico, sem explicar a formação de um organismo vivo a partir de matéria não viva ou não existente, contrariando a própria Biogênese. Sendo assim, pode-se observar que tal suposta irracionalidade também pode partir da teoria evolutiva.<sup>113</sup>

A crença na abiogênese era extremamente aceita porque os cientistas acreditavam que minúsculos organismos poderiam surgir de matéria morta pelo simples fato de serem pequenas ou “micro”. Então, Spallanzani e Pateur provaram que, mesmo com a pequenez destes organismos, eles precisariam surgir da reprodução de outros seres. O grande problema é que

---

<sup>109</sup> MADDIX, B. **Mutations: The Raw Material for Evolution?** Acts & Facts, 2007. Disponível em: <<https://www.icr.org/article/3466>>. Acesso em: 15 de jun. 2016.

<sup>110</sup> BORGES, Michelson. **Somos macacos pelados?** Criacionismo, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2cJXeie>>. Acesso em: 8 de jun. 2016.

<sup>111</sup> TOMKINS, 2012, p. 94-100.

<sup>112</sup> HUNTER, CORNELIUS. **Stunning evidence for common ancestry?** Disponível em: <<http://bit.ly/2cWHrNi>>. Acesso em: 15 de jun. 2016.

<sup>113</sup> ANKERBERG, 1999, p. 32.

nesse ponto, por não acreditarem que a vida possa surgir de um fenômeno divino ou sobrenatural, muitos evolucionistas aceitam o que já foi refutado há muito tempo, a abiogênese. Todavia, em 1920, o cientista russo Aleksander Oparin e o inglês John Haldane fizeram algumas mudanças, propondo a hipótese de uma “síntese pré-biótica em uma sopa primordial”. Com isso, a origem da vida seriam fenômenos raríssimos que só ocorreram graças às condições especiais que teriam surgido da terra primitiva que hoje não são mais existentes. Ou seja, a hipótese não passa de uma abiogênese em um âmbito mais filosófico do que científico.<sup>114</sup>

Já foi possível observar que a proposta evolucionista, em toda a sua junção de fatores, elementos e seleções, praticamente é um milagre do acaso. Richard Dawkins, famoso biólogo evolucionista, diz em seu livro “O relojoeiro cego” que a biologia é “o estudo de coisas complicadas que dão a aparência de terem sido criadas com algum propósito”. Dawkins ainda argumenta que em uma pequena célula podem acontecer cerca de 10.000 reações químicas inter-relacionadas, e chega a possuir 100.000 moléculas. Com isso, fica muito difícil crer que uma célula pode surgir por acaso, visto que o próprio biólogo evolucionista admite que o núcleo de uma célula contém um banco de dados maior que a soma de todos os 30 volumes da Enciclopédia Britânica.<sup>115</sup> Se é praticamente impossível, até mesmo imaginar, o surgimento de uma enciclopédia tão grande pelo acaso, por que seria racional apoiar o surgimento de uma célula? A lógica afasta-se ainda mais se for levado em conta que no corpo humano existem trilhões delas, operando em áreas incrivelmente complexas, e ainda de vários tipos diferentes.<sup>116</sup>

O astrônomo britânico Fred Hoyle calculou que a probabilidade de enzimas básicas para a produção da vida surgirem por produção ocasional são de 1 sobre 1 com uma sequência de 40.000 zeros. Em relação às probabilidades, Dave Hunt argumenta:

Em comparação, a chance de, por acaso, pegar um átomo específico em todo o universo seria apenas 1 sobre 1 seguido de 80 zeros. Mesmo que cada átomo existente se tornasse outro universo, as chances de pegar um átomo qualquer em todos esses universos seria de apenas 1 sobre 1 seguido de 160 zeros. Uma chance em 10:40.000, só para produzir enzimas básicas! Mas as enzimas realizam coisas notáveis, e esse fato complica ainda mais o problema da evolução com essas chances infinitamente pequena.<sup>117</sup>

O bioquímico Michael Behe também traz, em sua obra “A caixa preta de Darwin”, publicada em 1996, argumentos muito contundentes em relação à vida em seu estado químico mais básico e sua incompreensível complexidade. Behe ainda é muito crítico e chega a firmar

---

<sup>114</sup> BORGES, 2010, p. 56.

<sup>115</sup> DAWKINS, Richard. **The blind Watchmaker**. England: Longman, 1986, p. 1, 18.

<sup>116</sup> HUNT, Dave. **Um apelo à razão: criação ou evolução?** Porto Alegre: Actual, 2004, p. 32.

<sup>117</sup> HUNT, 2004, p. 32.

que a evolução deveria ser banida, devido a seu estado de incoerência em seu nível bioquímico.<sup>118</sup> Segundo ele, a teoria evolucionista não é capaz de explicar a complexidade das estruturas responsáveis por sustentar a vida e sua origem, tendo como conclusão uma resposta que não flui de livros sagrados ou crenças sectárias, mas de um plano inteligente.<sup>119</sup>

Outros cientistas renomados, entre eles Carl Sagan, também participaram de alguns estudos para calcular a probabilidade da evolução humana proposta pelo darwinismo, tendo como resultado um número de aproximadamente 1 em  $10^{2.000.000.000}$ . O fato é que essa possibilidade é tão pequena que pode ser entendida como impossível ou inconcebível, pois o número é tão absurdo que, se for comparado com a lei de Borel<sup>120</sup>, não há probabilidade alguma.<sup>121</sup>

Em seu estudo “Algorithms and the Neo-Darwinian Theory of Evolution”, Marcel Schutzenberger, da Universidade de Paris, França, também elaborou vários cálculos para observar a probabilidade da evolução, tendo como ponto de partida as mutações na seleção natural. O resultado, assim como muitos outros, foi tido como inconcebível, pois tal probabilidade do evento ser realizado pelo acaso é zero, já que sua conclusão foi de  $10^{1000}$ . Segundo o autor da pesquisa, “Não há probabilidade de ver esse mecanismo surgir espontaneamente e, se surgisse, menos ainda de que se mantivesse”. Schutzenberger ainda crê que existem falhas consideráveis na teoria neodarwiniana, e, segundo ele, tais falhas não podem ser ignoradas e concluídas como verdadeiras na concepção da biologia.<sup>122</sup>

Até mesmo evolucionistas têm tido dificuldades com resultados extremamente improváveis na teoria evolutiva. O naturalista Julian Huxley diz que para a evolução acontecer seria necessário que mutações prejudiciais não acontecessem, e, ainda, 1 milhão de genes contendo duas mutações favoráveis que continuassem até 1000, e ainda a milionésima potência para obter um gene que tenha um milhão de mutações favoráveis para a evolução. Com isso, Huxley declara:

Naturalmente, tal coisa é impossível, mas trata-se de um meio prático de visualizar os obstáculos fantásticos que se opõem à obtenção de um número de mutações favoráveis em um único gene pelo simples acaso. Para representar 1.000 elevado à milionésima potência, necessitaríamos escrever o número 1 seguido de três milhões de zeros, sendo necessário três volumes de

---

<sup>118</sup> BEHE, Michael J. **Darwin's black box: the biochemical challenger to evolution**. The free press, 1996, p. 186.

<sup>119</sup> HUNT, 2004, p. 33.

<sup>120</sup> O cientista francês Emili Borel, dizia que qualquer coisa a nível cósmico com uma probabilidade maior que 1.050 para 1, jamais acontecerá.

<sup>121</sup> ANKERBERG, 1999, p. 33.

<sup>122</sup> SCHUTZENBERGER. Marcel P. **Algorithms and the neo-darwinian theory of evolution**. Monograph in Moorehead and Kaplan, 1967, p. 79-80.

cerca de quinhentas páginas cada apenas para imprimi-los! Esta cifra é na verdade tão grande que é difícil imaginá-la, mas mostra as dificuldades que a seleção natural tem de superar. O número 1 seguido de três milhões de zeros é a medida da probabilidade de uma célula transformar-se em cavalo. Ninguém jamais apostaria em algo tão improvável, mas, no entanto, ele aconteceu. Aconteceu graças à seleção natural e às propriedades da matéria viva, a qual faz com que a seleção natural seja inevitável.<sup>123</sup>

Lendo as palavras de Huxley, pode-se observar que a teoria evolutiva nem de longe pode aproximar-se da razão, e sim de uma fé que ultrapassa os limites da lógica, visto que o próprio naturalista pede que se aceite algo que até ele próprio considera impossível de acontecer em alguns estágios. O evolucionista, em outros trechos de seus escritos, chega a dizer que se trata de algo tão improvável que não poderia ocorrer na realidade.<sup>124</sup>

Em uma entrevista realizada pelo jornalista Michelson Borges, o doutor e Ph.D em Biologia James Gibson disse que o tempo estimado para a formação de todo o universo seria menor do que o tempo necessário para que mutações pudessem dar origem a novas informações. Com isso, dez bilhões de anos de mutações ainda não seriam o suficiente para que se desce origem a um organismo complexo, isso se as mutações forem extremamente bem-sucedidas. Essa questão foi usada no debate entre matemáticos e darwinistas no “Winstar Institute”, Filadélfia, quando o matemático D. S. Uslam ressaltou que a evolução do olho seria improvável, pois o número de mutações teria de ser muito grande e não haveria tempo necessário para as possíveis mutações. Em resposta, os darwinistas disseram que o olho havia evoluído e com isso as implicações matemáticas seriam apenas aparentes. Com isso, percebe-se que para eles o darwinismo não pode ser refutado, e sim é um fato a ser explicado, até que se encontre uma alternativa matemática mais aceitável.<sup>125</sup> Ao ser questionado pelo filósofo Wiliam L. Craig com o mesmo argumento, Quentin Smith ainda responde: “O universo surgiu do nada, pelo nada e para nada, ponto final”.<sup>126</sup>

Outros cientistas chamaram de impossibilidade virtual o resultado de  $10^{15}$  de um cálculo a respeito da probabilidade da vida evoluir. Se esse número foi entendido como impossibilidade, de que forma se poderia aceitar um resultado de  $10^{1000}$  conforme a pesquisa realizada por Schutzenberger? Para se ter uma ideia da complexidade desses resultados, uma chance em  $10^{12}$  é de uma em 1 trilhão. Outra comparação que pode ser feita para uma melhor compreensão é usando o número  $10^{171}$ . Para se ter uma noção de tempo, e uma suposta distância

---

<sup>123</sup> HUXLEY, Julian. **Evolution in action**. New York: Harper and Bross, 1953, p. 41-42.

<sup>124</sup> THOMAS, 1999, p. 166.

<sup>125</sup> JONHSON, Phillip E. **Darwin no banco dos réus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 107-108.

<sup>126</sup> BORGES, Michelson. **A história da vida: de onde viemos, para onde vamos**. São Paulo: CBP, 2011, p. 60.

de 30 bilhões de anos-luz, em  $10^{171}$  anos uma simples ameba poderia, num espaço de 600.000 trilhões, trilhões, trilhões, trilhões de universos, transportar todos os átomos um de cada vez de uma extremidade a outra em uma velocidade de 2,54 centímetros a cada 15 bilhões de anos.<sup>127</sup> O número é absurdo, mas ainda não chega nem perto de  $10^{1000}$  calculado por Schutzenberger ou de  $10^{2.000.000.000}$  calculado por Sagan.<sup>128</sup>

Cálculos mais básicos também foram realizados em uma única molécula, porém, mais uma vez, o seu surgimento pelo acaso foi entendido como matematicamente impossível, já que seu resultado foi de 1 seguido de 43 zeros. Experimentos matemáticos também foram feitos na bactéria “Mycoplasma Genitalium”, pois ela é conhecida por possuir o menor genoma entre organismo autorreprodutor conhecido, com 482 genes de 1040 pares de bases nucleotídicas, tendo um total de 580.000 pares de bases, possuindo ainda em sua molécula de proteína média 347 aminoácidos. Mais uma vez o resultado não foi favorável para a aleatoriedade, pois a probabilidade de sua formação de forma natural de uma destas simples moléculas de proteínas é de 1 seguido de 451 zeros. Se a formação de uma simples célula pode ser entendida como improvável ou impossível, quanto mais o corpo humano com mais de 100 trilhões de células.<sup>129</sup>

Como observado, as primeiras tentativas de formular uma teoria mecanicista em interações aleatórias de elementos químicos numa lagoa aquecida na terra primitiva, apoiava-se fortemente no acaso. Todavia, diante de sua improbabilidade, os biólogos esperavam ultrapassar esta barreira com grandes extensões de tempo. Sendo assim, no decorrer de um período longo e suficiente, o improvável tornou-se possível e inevitável. Porém, assim como demonstrado por Schutzenberger, num simpósio realizado no Institute Wister, Filadélfia, com ajuda de computadores, o resultado do método do acaso foi zero em qualquer que seja o tempo designado para que isso aconteça. Com isso, o acaso tornou-se o Deus “tapa-buraco” dos materialistas, sendo colocado de lado diversas vezes pelos avanços científicos.<sup>130</sup>

Depois de observar todos esses cenários de probabilidades matemáticas, acasos, mutações aleatórias e complexas, fica fácil confirmar que a evolução também é baseada na fé, e em alguns aspectos ela é ainda mais poderosa e fervorosa que a de um cristão convicto. A fé

---

<sup>127</sup> COPPEDGE, James. **Evolution**: posible or impossible? Chicago; Henry Regenery, Sondervan, 1973, p. 118-120.

<sup>128</sup> ANKERBERG, 1999, p. 34.

<sup>129</sup> MIGUEL, 2016, p. 77.

<sup>130</sup> NANCY, Pearcey; CHARLES, Thaxton. **A alma da ciência**: fé cristã e filosofia natural. São Paulo: Cultura Cristã, 2005, p. 270.

evolucionista é tão forte que confia na onipotência da matéria em produzir sistemas extremamente complexos e poderosas formas de energias no universo.<sup>131</sup>

Inclusive muitos evolucionistas já têm reconhecido uma fé que chega a ser religiosa em relação à teoria evolutiva. A ciência deve ser reconhecida como algo que pode ser observado, demonstrado e repetido e não simplesmente crida, como na questão evolutiva. Uma confissão de fé também partiu de um biólogo britânico, na introdução e edição de “A origem das espécies” de 1971, o autor disse que a crença na teoria evolutiva era exatamente paralela com a crença na criação especial, sendo, ainda, uma fé satisfatória na qual se baseiam suas interpretações pessoais da natureza.<sup>132</sup> Sendo assim, muitos evolucionistas creem na evolução porque querem. Tendo, como desejo maior, explicar a origem de tudo sem um criador, formando uma espécie de “religião” ateu. Certa vez, um professor de Biologia da Universidade Estadual do Kansas disse: “Mesmo se todos os dados apontam para um designer inteligente, tal hipótese é excluída da ciência porque não é naturalista”.<sup>133</sup>

Outro filósofo científico e ateu darwinista, Michael Ruse, admite que o evolucionismo é sua religião:

Evolução é promovida por seus praticantes como mais do que mera ciência. Evolução é promulgada como uma ideologia, uma religião, uma alternativa secular de pleno direito ao cristianismo, com significado e moralidade. A evolução é uma religião. Isto era verdade da evolução no começo, e é verdade da evolução ainda hoje.<sup>134</sup>

Diversas outras citações de renomados ateus evolucionistas poderiam ser incluídas. Porém já foi possível observar que, na ausência de argumentos e dificuldades na questão de probabilidades, muitos têm apelado para a fé. Os próprios evolucionistas, para todos os efeitos, mostraram que o evolucionismo não é uma ciência, mas a fé religiosa no ateísmo.<sup>135</sup>

Sendo assim, existe outra alternativa a não ser à teoria de Darwin? Certamente alguns darwinistas tentariam algum tipo de explicação no mesmo âmbito filosófico, ou seja, qualquer outra que tivesse como explicação científica apenas a lei e o acaso. Com isso, se a matéria teve de criar a si mesma e a natureza é tudo que existe, então talvez exista uma boa “razão” para crer que a teoria evolutiva é a melhor explicação para a origem de tudo, mesmo que existam diversos

---

<sup>131</sup> MORRIS, Henry M. **The Splendid faith of the evolutionist**. Disponível em: <<http://bit.ly/2cZwjeu>>. Acesso em: 18 de jun. 2016.

<sup>132</sup> MATTHEWS, L. Harrison. “Introduction” to the origin of species. London, JM Dent and Sons, 1971. p. xi.

<sup>133</sup> TODD, Scott C. **A View from Kansas on the Evolution Debates**. Nature, 401, 30 Sept, 1999. p. 423.

<sup>134</sup> RUSE, Michael. **Saving Darwinism from the Darwinians**. National Post: May 13, 2000, p. B-3.

<sup>135</sup> MORRIS, Henry. **Evolution Is Religion - Not Science**. 2001. Disponível em: <<https://www.icr.org/article/455/>>. Acesso em: 20 de jun. 2016.

motivos para crer que ela é falsa.<sup>136</sup> É nesse ponto que cientistas e estudiosos criacionistas afirmam que, apesar de ninguém haver testemunhado a exata forma como a vida foi formada, reconhecem que toda a complexidade distintiva só pode ser resultado de uma atividade inteligente.

Por fim, Langdon B. Gilkey argumenta:

Rejeitar a atividade de Deus porque não pode ser integrada a uma explicação científica dos acontecimentos, é extrair uma conclusão filosófica que não cabe em uma hipótese científica. O conceito naturalista do mundo é uma extensão do entendimento científico que vai além dos limites da ciência. O naturalismo que nega a categoria divina não faz parte, porém, da ciência, sendo simplesmente uma extensão filosófica da mesma.<sup>137</sup>

---

<sup>136</sup> JOHNSON, Phillip. **Ciência, intolerância e fé**; a cunha da verdade: rompendo os fundamentos do naturalismo. Ultimato, 2007, p. 157.

<sup>137</sup> GILKEY, B. Langdon. **Darwin and christian thought**. Christian Century Foundation, 1960, p. 10-11.

### III – CRIACIONISMO

#### 3.1 Existência de um Deus

Durante o decorrer do segundo capítulo já foi possível observar que só há lógica para a existência da vida e do predicamento humano se houver um Deus. Com isso, é extremamente vital a existência de Deus para a sociedade atual. Para muitas pessoas, provar a existência de Deus está em uma categoria impossível, e por conta disso, quem crê em Deus deve aceitar sua existência somente pela fé.<sup>138</sup> De fato, não se deve entender que o encontro com Deus não seja ligado com a fé, pois somos salvos por ela (Efésios 2.9), ela é o firme fundamento das coisas que se esperam, e sem ela, ainda é impossível agradar a Deus (Hebreus 11.6).

Algumas das definições da palavra razão encontradas no Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa são: raciocínio que conduz a indução ou dedução de algo; capacidade de avaliar com correção, com discernimento; bom senso e juízo. O Dicionário Luft ainda define como: faculdade de espírito com que o homem reflete, compara, conhece e julga. Os cristãos creem que Deus criou tudo o que é natural antes do natural existir; logo, Deus também pode ser definido como sobrenatural. Com isso, seria possível avaliar o quão provável é a existência de Deus? Seria possível comparar, refletir ou conhecer algo a respeito? Partindo do princípio que foi o próprio Deus que deu a racionalidade ao homem, a resposta poderia muito bem ser, sim.<sup>139</sup> Praticamente todos os povos já encontrados, independente de tempo e cultura, civilizados ou não, possuem alguma crença em um ser divino. Com isso, pode acreditar-se que a crença em Deus não é um simples fenômeno cultural ou local, mas universal. Em alguns casos a crença nessa divindade não é adquirida em escolas ou tradição familiar, e sim de natureza racional e individual. Pois Deus se revela ao homem de diversas formas, inclusive pela natureza e pela própria consciência humana. Sendo assim, a crença em Deus surge na alma do homem e desenvolve-se pela observação e experiência.<sup>140</sup>

Alguns teólogos dizem que a crença em Deus satisfaz o intelecto humano. E isso se aplica para uma criança e para um adulto: todos desejam saber se o mundo apenas tem como apoio o materialismo e o naturalismo ou se, na realidade, a inteligência, a moral e a personalidade possuem algum sentido formado por um ser inteligente. Para que se possa imaginar, algumas pessoas têm as suas crenças, e a ideia de Deus, extremamente mais poderosas

---

<sup>138</sup> GRAIG, 2012, p. 89.

<sup>139</sup> BORGES, Micheson. **A história da vida**: de onde viemos, para onde vamos. São Paulo: CPB, 2011, p. 166.

<sup>140</sup> SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de teologia sistemática**. Curitiba; A.D Santos, 2012. p. 46.

que suas paixões e cobiças naturais. Tal crença tem sido um poderoso impulso que motivou indivíduos a agirem sobre o medo, satisfação sexual, fome e a própria satisfação em viver, pois muitos entenderam que estes desejos normais do homem podem ser facilmente satisfeitos individualmente, porém a crença em Deus engloba todas as áreas referentes ao cotidiano do homem. Com isso, pode-se dizer que, se não houver um Deus com que o homem possa ter uma relação de responsabilidade, sem sombra de dúvida, haverá menos entusiasmo pela vida.<sup>141</sup>

Portanto, não existe competidor ao mesmo nível da proposição de que exista um Deus, ela permanece sozinha e sem igual, possuindo grandeza inatingível. Com isso, ela deve ser no mínimo digna de pesquisa, caso sua sublimidade não prove sua verdade, impondo ainda uma difícil tarefa para o incrédulo, pois, se é falsa, não é apenas o mais sublime erro, como ainda, um erro mais sublime que a própria verdade. Pois a proposição de que há um Deus é a mais nobre e digna que qualquer outra verdade apresentada pela natureza, para que o homem possa contemplar. Se tal argumento é um paradoxo, sua resposta deve ser respondida por aqueles que negam a existência que um criador.<sup>142</sup>

Grande escritor e apologista do século XX, C. S Lewis, ainda declara:

Se o sistema solar passou a existir por meio de uma colisão acidental, então o surgimento da vida orgânica neste planeta também seria um acidente, e a evolução completa do homem também teria sido um acidente. E isto também seria válido para os materialistas e astrônomos, como qualquer outra pessoa. E se o pensamento destes são meramente produtos acidentais, por que deveríamos acreditar que eles são verdadeiros? Eu não vejo razão para acreditar que um acidente fosse capaz de fazer um relato correto de todos os outros acidentes.<sup>143</sup>

Pode-se ainda firmar que a existência de Deus é uma verdade primária ou fundamental, pelo fato de sua característica universal, necessária e autoevidente. O argumento pode ainda ser explicado e resumido como uma verdade aceita universalmente, necessária para que as demais realidades sejam explicadas e que, sem depender de uma prova prévia, mostre a si mesma, sem uma intervenção humana para que seja aceita. Um bom exemplo de verdades primárias é o tempo, causa e efeito, o número, bem e mal. Todos sabem que estas verdades são aceitas pelo homem através da vida e pelas experiências. Assim, a relação e concepção do homem com Deus também pode ser entendida como uma verdade fundamental, primária, que é aceita no decorrer das experiências e da vida.<sup>144</sup>

---

<sup>141</sup> THOMAS. 1999, p. 300.

<sup>142</sup> CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003, Volume um e dois, p. 166,167.

<sup>143</sup> LEWIS, C. S. **God in the dock**. Grand Rapids: Eardmans, 1970, p. 52,53.

<sup>144</sup> SEVERA, 2012, p. 46,47.

No entanto, se a existência de Deus se revela através da vida, natureza, intelecto, lógica e razão, quais seriam as provas ou evidências de sua existência? Isso é o que será visto a partir de agora.

### 3.1.1 Argumento Cosmológico

Este argumento tem como base a existência de alguma coisa e, com base nessa determinada existência, chega-se à conclusão de que existe uma primeira causa. Tal argumento ainda tem como base e raiz Platão e Aristóteles, sendo desenvolvido na Idade Média.<sup>145</sup> Tomás de Aquino (1225-1274) foi um dos elaboradores do argumento, que, apesar de formulado há tanto tempo, ainda continua sendo um firme argumento. Em seu livro de Teologia Sistemática, Zacarias Severa também diz que “o raciocínio baseia-se na lei de causa e efeito”. Com isso, se a existência do mundo é conhecida como um efeito, então deve haver uma explicação que seja suficiente. E se a causa não pode ser menor que o efeito, o que causou o universo deve ser tremendamente grandioso, poderoso e inteligente. Sendo assim, Deus é a causa autossuficiente e primária de todas as coisas, sendo necessária a sua existência para que todas as outras coisas, como a origem e a continuidade do mundo, sejam explicadas racionalmente.<sup>146</sup>

Lewis Chafer também afirma que o universo é um fenômeno de efeito que, por sua vez, necessita de uma causa adequada, afirmando a existência de Deus e o chamando de primeira causa. A validade de três verdades contribuintes sustenta o argumento cosmológico, sendo eles: a) que cada efeito deve ter uma causa; b) que o efeito é dependente de sua causa para a sua existência; e c) que a natureza não pode produzir a si mesma. Pode-se ainda afirmar que Deus, em sua existência e poder infinito, fez com que a matéria viesse à existência. Gênesis 1.1 diz: “No princípio criou Deus os céus e a terra”. O universo é causado, e sua causa é eterna e autoexistente.<sup>147</sup>

Charles Hodge ainda desenvolve uma explicação do significado da palavra “causa” de maneira muito apropriada. Ele diz afirma que três pontos são incluídos na doutrina comum deste tema, sendo: 1) uma causa é algo que possui uma existência real, não sendo um mero nome para uma determinada relação. É uma existência real, uma substância. Isso se torna extremamente óbvio, pois uma coisa inexistente não pode agir. Com isso, seria uma contradição, “nada” produzir algo, já que o que não existe não pode ser uma causa; 2) A causa não deve somente ser algo real, como também deve possuir poder e eficiência, devendo haver

---

<sup>145</sup> CRAIG, 2012, p. 91,92.

<sup>146</sup> SEVERA, 2012, p. 48.

<sup>147</sup> CHEFER. 2003, p. 171.

em sua natureza algo que responda pelo efeito que ela produz; 3) Sua eficiência deve ser adequada, ou ainda suficiente e adequada ao efeito. Não há dúvidas de que essa seja uma visão verdadeira da natureza de sua causa.<sup>148</sup>

Edgar Mullins, em sua obra “A religião cristã”, ainda afirma sobre o argumento cosmológico:

Ele deduz a existência de Deus pela necessidade de uma causa adequada para explicar o universo. Todo efeito deve ter uma causa adequada. O universo é um efeito. Deus é a única causa adequada. Uma objeção comum é: isto somente causa uma prova finita pois o universo não é infinito. Mas a objeção científica é que não é uma causa descoberta ou provada, senão meramente deduzida. A ciência explica por meio do princípio de continuidade, ou seja, da transformação da energia. Não se encontra nenhuma explicação real, até que se encontra a relação entre a consequência e seu antecedente. Além disso, ao inferir Deus da matéria, saltar-se sobre o abismo que separa a matéria do espírito. A ideia de Deus, afirma o homem científico, não explica nada absolutamente ou explica tudo igualmente.<sup>149</sup>

Contudo, Norman Geisler e Frank Turek, na obra “Não tenho fé suficiente para ser ateu”, dizem que, para o argumento ser válido, ele precisa ser logicamente verdadeiro, juntamente com suas premissas. Para eles, o argumento se sustenta na ciência, pois ao dizer que “tudo que teve um começo teve uma causa”, usa-se a lei da causalidade, que é o princípio da ciência, sendo impossível haver ciência sem a presente lei. Francis Bacon, pai da ciência moderna, ainda diz: “O verdadeiro conhecimento só é conhecido pela causa”.<sup>150</sup> Ou seja, a ciência é a busca pelas causas, e é exatamente o que a ciência se propõe a fazer: o que criou o quê.<sup>151</sup>

Tomás de Aquino também tem como base do argumento cosmológico a impossibilidade de um regresso infinito de causas que operem simultaneamente. Em um de seus pontos de vista do argumento, Aquino cria em um “motor” imóvel que se baseava no movimento. Ou seja, o mundo e o que nele existe está se movendo e tudo o que se move é movido por outra coisa. Esta outra coisa também é movida por outra, e assim em diante. Com isso, essas séries de coisas movidas não podem ser eternas e precisam de uma causa primária. Tomás cria em causas semelhantes à engrenagem de uma máquina, como um relógio e não um dominó, pois um relógio só pode funcionar com todas as suas peças conectadas, e movendo com a ajuda de um motor; se o motor para, toda a máquina deixa de funcionar, independente

---

<sup>148</sup> HODGE, Charles. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 157.

<sup>149</sup> MULLINS, Edgar Young. **A religião cristã**: em sua expressão doutrinária. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 163.

<sup>150</sup> MERRILL, Bobbs. **The new organon**. Indianapolis: 1960, p. 121.

<sup>151</sup> GEISLER, Norman; TUREK, Frank. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 53.

do seu número de engrenagens. Para Aquino, todas as coisas semoventes como humanos, animais e plantas, ou ainda almas individuais, surgem e se vão, e por isso não podem ser uma causa de movimentos das esferas celestes. Então Tomás de Aquino conclui que deve haver uma causa primeira de movimento em toda a série causal. O grande autor de imenso movimento cósmico deve ser um motor imóvel, com o sentido de ser eterno e absoluto, sendo a primeira causa de todo movimento; logicamente, só pode ser o próprio Deus.<sup>152</sup>

Wayne Grudem também concorda com a eficácia do argumento e ressalta:

O argumento cosmológico considera o fato de que toda coisa conhecida do universo tem uma causa. Portanto, arrazoa o argumento, o próprio universo deve também ter uma causa, e a causa de um universo tão grandioso só pode ser Deus.<sup>153</sup>

### 3.1.2 Argumento Teleológico

A palavra *Telos* tem como significado: fim, propósito e desígnio. O argumento teleológico tem como base a ideia de que as coisas foram criadas para um determinado propósito, desígnio, sendo possível observar a ordem das coisas existentes. Pode-se observar que o universo possui organização, ordem, harmonia e propósito, sendo possível verificar a existência de um ser altamente inteligente que seria o criador, *Designer*, planejador de tudo antes de tê-lo feito. Alguns filósofos ilustram a ideia de um ser inteligente com um navio carregado na baía, que ao ser avistado, logo é presumido que ele não é o resultado de lixo ou materiais jogados ao mar. Ao invés disso, sabe-se que ele veio da mão de alguém que o planejou com o propósito de transportar algo. O mundo e o universo não são diferentes, pois sua organização e propósito apontam para um grande planejador. A ideia apresentada impressiona e interessa até mesmo filósofos ateus, como Voltaire e Kant.<sup>154</sup>

Segundo alguns filósofos, este pode ser o argumento mais antigo e conhecido sobre a existência de Deus. Willian L. Craig o chama de “o célebre argumento do plano”, ou seja, aquele que sugere um planejador inteligente para a imensidão do universo. Craig também apoia a ilustração feita por Severa, de que se deve supor a existência de um criador ou designer por trás de qualquer produto material que tenha um fim útil.<sup>155</sup>

Grudem ainda diz que o argumento teleológico é uma subcategoria do cosmológico, pois se concentra na junção de evidências como a harmonia, ordem e planejamento observados no universo. Sendo assim, pelo fato do universo se apresentar com a ideia de ter surgido com

---

<sup>152</sup> CRAIG, 2012, p. 93.

<sup>153</sup> GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 99.

<sup>154</sup> SEVERA, 2012, p. 50, 51.

<sup>155</sup> CRAIG, 2012, p. 95.

um propósito, seria também necessária a existência de um criador inteligente que o “programasse” para funcionar assim.<sup>156</sup>

Alguns tendem a dizer que a filosofia leva o homem ao ateísmo pelo fato de abrir a sua mente e o libertar. Porém, grandes filósofos gregos atribuíram a organização do universo à ação de uma mente inteligente, suas observações os deixaram impressionados com a ordem que permeia o cosmo, dando forma ao presente universo. O que maravilhava os filósofos antigos era a constante revolução do céu e de seu firmamento, por isso a academia de Platão era conhecida por dedicar diversas horas refletindo e estudando a astronomia, pois, segundo o filósofo, tal estudo levaria o homem para seu destino divino. Segundo Platão, o argumento que tem base na alma e o argumento que possui sua base no movimento dos astros e de todas as coisas que estão sob o domínio da mente que ordenou o universo, são os responsáveis por levar o homem a acreditar em um deus. Com esses dois argumentos formulados para refutar o ateísmo, Platão conclui que deve haver o que ele chamou de “alma melhor”, “criadora e pai de tudo, o “rei” responsável pela ordem em meio ao caos primordial e transformando-o em um cosmo racional que pode ser evidenciado e vivido nos dias de hoje.<sup>157</sup>

Juntamente com o argumento cosmológico, o argumento teleológico continua a estabelecer, por evidência racional, uma grande inteligência e propósito, sendo como manifesto no desígnio, função e consumação para todas as coisas, a pessoa de Deus. Segundo Lewis Chafer, não poderia existir melhor afirmação apresentada no Salmo 94.9-10 para o argumento teleológico: “Aquele que fez o ouvido, não ouvirá? Ou aquele que formou o olho, não verá? Porventura aquele que disciplina as nações, não corrigirá? Aquele que instrui o homem no conhecimento não conhecerá?”.<sup>158</sup>

Uma analogia formada por William Paley, usando o exemplo de um relógio, diz que todo relógio implica a existência de um relojoeiro. Paley, de forma muito simples, aplica três premissas para o argumento em forma de silogismo: 1) todo projeto tem um projetista; 2) o universo e a vida foram projetados; 3) o universo e a vida têm um projetista. O homem chega a tropeçar na verdade, mas muitos se levantam como se nada tivesse acontecido.<sup>159</sup> Já foi possível observar que muitos ateus, como Dawkins, chegaram tão perto da verdade que disseram que a biologia é “o estudo de coisas complicadas que dão a aparência de terem sido criadas com

---

<sup>156</sup> GRUDEM, 1999, p. 99.

<sup>157</sup> CRAIG, 2012, p. 95, 96.

<sup>158</sup> CHEFER, 2003, p. 177.

<sup>159</sup> BORGES, 2010, p. 172, 173.

algum propósito”, como já citado no capítulo anterior, porém se recusaram a aceitar a existência de um Deus criador.

William Paley ainda tem uma brilhante elaboração para o argumento teleológico, dirigido aos que supõem que o universo é um resultado do acaso:

Por qual arte uma semente seria feita? E de que modo alguém poderia inspirá-la com uma forma seminal? E aqueles que pensam que todo este globo terrestre foi compactado por uma coalizão fortuita (ou fatal) de partículas de matéria, mágica essa com que eles conjurariam tantos juntos para formar um torrão? Inutilmente andamos à caça de milagres com mente preguiçosa; se inutilmente não mais quiséssemos alguma coisa além das novidades, somos circundados com isso: e o maior dos milagres é que nós não o vemos. Você, com que acontecimentos diários da natureza (como você a chama) são tão baratos, veja se pode fazer igual. Teste as suas habilidades com uma rosa. Sim, mas você deve ter uma matéria preexistente? Mas você pode provar que o Criador do mundo a tinha, ou você pode defender a possibilidade de uma matéria “incriada”? E suponha que eles tenham a garantia de toda matéria entre a sua cabeça e a lua, poderiam ele dizer o que fariam com ela, ou como lidar com ela, para fazer dela uma simples flor, para que eles pudessem se gloriar nisso como a grande produção deles?<sup>160</sup>

Como conclusão do argumento teleológico, Edgar Mullins destaca a complexidade necessária no planeta Terra para que possa ser habitada pelos homens, graças a maravilhosas combinações de forças materiais, sendo necessária relação entre terra e sol, originando as estações, temperaturas, condições meteorológicas e diversos outros fenômenos e adaptações. Sem falar nas evidências do mundo orgânico, como o olho e a mão humana, asas de uma ave, barbatana e nadadeira de um peixe e outras formas e órgãos necessários para a conservação da vida. Tudo isso mostra a força do argumento e da existência de Deus, pelas tantas obras, indicações, intervenções e adaptações feitas intencional ou propositalmente para a formação da Terra e do universo.<sup>161</sup>

### 3.1.3 Argumento Moral

Este argumento em favor da existência de Deus tem como base a própria natureza moral do homem, pois o ser humano possui consciência de seus atos e padrão de julgamento social do bem e do mal, sabendo ainda do seu dever de praticar o bem e evitar o mal. Essa consciência moral existente no homem e coloca o próprio sob absolutas obrigações de obediência as ordens estabelecidas, sem desculpas. Com isso, o homem sabe que errou e sente que deve responder por isso. Essa consciência ainda reflete no meio social, sabendo ainda o

---

<sup>160</sup> CHEFER, 2003, p. 181,182.

<sup>161</sup> MULLINS, 2005, p. 166.

homem que nem sempre o bem e o mal são retribuídos, pois há disparidade entre a conduta de alguns. Contudo o homem ainda crê em uma justiça e a espera, mesmo que seja em um momento futuro.<sup>162</sup>

Wayne Grudem também concorda que o argumento moral parte do senso humano de certo e errado, sendo ainda necessária a existência de um Deus que tenha o todo o poder e seja a fonte da noção de certo e errado. Esse Deus é que vai impor a justiça a todas as pessoas.<sup>163</sup>

Willian L. Craig garante que o argumento moral defende a “existência de um ser que é a corporificação do bem fundamental”, sendo ele a maior fonte de valores morais objetivos que é possível experimentar no mundo. Craig ainda declara que o raciocínio no âmbito moral parte de Platão, que também concordava que as coisas têm bondade à medida que elas possuem uma relação com o bem, que subsiste em si mesmo. Trazendo à tona o teísmo cristão, Deus passou a ser identificado com o bem.<sup>164</sup>

O doutor Augustus H. Strong ainda afirma:

O argumento é complexo, e pode ser dividido em três partes: 1. A natureza intelectual e moral do homem deve ter tido como seu autor um Ser intelectual e moral. Os elementos de prova são os que se seguem: a) o homem, como um ser intelectual e moral, teve um começo no plante; b) as forças materiais e inconscientes não fornecem uma causa suficiente para a razão, consciência e livre-arbítrio do homem; c) O homem, como um efeito, pode ser somente atribuído a uma causa que possua autoconsciência e uma natureza moral, em outras palavras, personalidade. 2. A natureza moral do homem prova a existência de um legislador e Juiz santo. Os elementos da prova são: a) A consciência reconhece a existência de uma lei moral que tem autoridade suprema; b) as violações conhecidas desta lei moral são seguidas dos sentimentos de demérito e de temores de juízo; c) esta lei moral, visto que não é autoimposta, e estas ameaças de juízo, visto que elas não são auto-aplicáveis, respectivamente argumentam em favor da existência de uma vontade santa que impôs a lei, e de um poder punitivo que executará as ameaças da natureza moral. 3. A natureza emocional e voluntária do homem prova a existência de um Ser que pode fornecer em si mesmo um objeto de satisfação humana e um fim que convocará as atividades mais nobres do homem e assegurará os seus progressos mais nobres. Somente um ser de poder, sabedoria, santidade e bondade pode satisfazer esta exigência da alma humana. Tal Ser deve existir. De outra maneiras as maiores necessidades do homem não seriam supridas, e a confiança numa mentira seria mais produtora da virtude do que a crença na verdade.<sup>165</sup>

Alguns autores dirão que essa consciência de certo, errado e justiça está, aparentemente, em todos os seres humanos, levando ainda em conta as diversas tribos indígenas ou nações que nunca chegaram a ouvir o evangelho. Segundo J. D. Thomas, existe certa idade

---

<sup>162</sup> SEVERA, 2012, p. 49,51.

<sup>163</sup> GRUDEM, 1999, p. 99.

<sup>164</sup> CRAIG, 2012, p. 99.

<sup>165</sup> CHAFER, 2003, p.186.

em que o homem se dá conta, ou ainda, adquire sentido de sua responsabilidade e se sente intimado a não fazer ou a fazer algo. Sua consciência o acusa a cada ato que a sua própria mente julga errado. Um filósofo que deu bastante ênfase ao argumento moral, dignificando-o mais que qualquer outro, foi Emanuel Kant. Ele dizia que o senso de justiça humano exigia a existência de Deus, e ainda, de uma outra vida para que pudesse aplicar justiça aos que foram injustiçados ou que praticaram injustiças nessa vida. É necessário refletir no fato de animais não terem esse senso moral ou responsabilidade ética. Pois, pela personalidade racional, tais condições são apenas encontradas em humanos, já que animais nem ao menos uma religião podem escolher. Com isso, partindo do princípio que nada pode vir do nada, e que a vida surge da própria vida, é lógico concluir que a origem do sentido de responsabilidade moral humana provém de Deus.<sup>166</sup>

William Sorley, professor de filosofia moral na Universidade de Cambridge até 1933, também acreditava que a ética é capaz de abrir os caminhos da metafísica, colocando Deus como base da ordem natural e moral. Segundo Sorley, essa é a visão mais racional e unificada da realidade universal. O filósofo ainda argumenta que “ a realidade é caracterizada por uma ordem moral objetiva, que é tão real e independente do nosso reconhecimento como é a ordem natural das coisas”. Ainda é importante ter em mente que a lei moral não pode ser realizada plenamente pelo homem, como por exemplo as leis da física, que são plenamente aplicadas no mundo. Com isso, se a moral existe, ela precisa ser aplicada plenamente; todavia, se o homem é finito ela não pode ser verdade, logo é necessária a existência de um lugar eterno para a sua plena concretização. Sendo assim, o único modo de fazer a ideia moral ser aplicada na realidade, é existindo um ser que seja pessoal e eterno, ou seja, Deus.<sup>167</sup>

Levando em conta os presentes argumentos, é extremamente racional crer que toda a capacidade humana tenha uma causa digna. Com isso, uma força do acaso não seria capaz de produzir o intelecto humano e sua sensibilidade, vontade, consciência e crença num eterno criador. O produto de uma força do acaso nunca desenvolveria a busca pela arte da ciência e na adoração e louvor a Deus.<sup>168</sup>

### **3.2 Design Inteligente e teorias**

A Teoria do Design Inteligente (TDI) nada mais é que uma teoria científica que possui como desenvolvimento os mesmos métodos técnicos em outras pesquisas e ciências históricas.

---

<sup>166</sup> THOMAS, 1999, p. 292, 293.

<sup>167</sup> CRAIG, 2012, p. 100, 101.

<sup>168</sup> CHEFER, 2003, p. 185.

Sua pretensão é demonstrar que muitas características encontradas no universo e nos seres vivos do planeta Terra são extremamente verificadas e melhor explicadas através de uma causa inteligente, e não através de um processo de seleção natural não guiado. Estudiosos da TDI apontam que as evidências de um design podem ser encontradas a partir de estudos nas propriedades informacionais de objetos naturais. Dessa forma é possível verificar se tal matéria tem algum tipo de informação que, em nossa realidade, só pode vir a existir através de uma causa inteligente. Essas informações e características encontradas são denominadas e verificadas como “complexidade especificada” ou “informação complexa e especificada”.<sup>169</sup>

O cientista e físico Adauto Lourenço define a palavra “design” como um desenho, projeto, plano de construção ou ainda planejamento. Segundo Adauto, a TDI não possui qualquer compromisso religioso, sendo uma teoria científica e possuindo consequências empíricas. O cientista ainda argumenta que a teoria tem como prioridade verificar e detectar de forma empírica se os vestígios de um design encontrados na natureza são de fato genuínos, ou ainda, de uma inteligência organizadora, ou se realmente são produtos de uma geração espontânea e leis naturais.<sup>170</sup>

Desde a formulação da Teoria da Evolução de Darwin, a ideia de um design foi colocada de lado por inúmeros filósofos e cientistas até o século XX, e, devido ao desenvolvimento da ciência, física e cosmologia a palavra “design” foi novamente colocada no contexto científico.<sup>171</sup> A partir da década de 1960, a ciência revelou uma espécie de aperfeiçoamento do universo para que fosse possível o surgimento de vida, inclusive a humana, pois o universo dependia de um extremo equilíbrio, de um nível altamente improvável, porém extremamente preciso.<sup>172</sup> É necessário ter em mente que ligeiras alterações em alguns fatores como a taxa de expansão do universo, ou ainda, a atração gravitacional e eletromagnética, seriam suficientes para tornar a vida impossível. Sendo observado o tamanho e complexidade do universo, sem se esquecer da probabilidade não apenas dos fatos citados, mas ainda muito outros ajustes de extrema precisão, muitos físicos notaram a fina sintonia dos acontecimentos

---

<sup>169</sup> BORGES, Michelson. **O que é a teoria do design inteligente?** Criacionismo, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2d1nVxS>>. Acesso em: 25 de jun. 2016.

<sup>170</sup> LOURENÇO, Adauto. **Como tudo começou:** uma introdução ao criacionismo. São Paulo: Fiel, 2007, p. 44.

<sup>171</sup> MEYER, Stephen. **Evidence for design in physics and biology:** from the origin of the universe to the origin of life. San Francisco: Ignatius Press, 2001, p. 56.

<sup>172</sup> GIBERSON, Karl. **The anthropic principle.** Journal of Interdisciplinary Studies. Response: Steven Yates, 1997, p. 91–104.

sugerindo fortemente um projeto feito por uma inteligência pré-existente, bem como cita o físico britânico Paul Davies: “A impressão de um design é esmagadora”.<sup>173</sup>

O fato dos evolucionistas não conseguirem explicar a origem de máquinas moleculares em organismos vivos também se usa como forte argumento para o Design Inteligente. Michael Behe ainda aponta que essas máquinas moleculares são muito parecidas com um motor de carro, possuindo espécies de anéis, buchas e uma unidade entre seus eixos. Essa interação ainda exige uma coordenada movimentação de quarenta peças complexas de proteína. Se não fosse apenas isso, se qualquer parte de sua complexidade chega a falhar, ou a ausência de uma única proteína resulta na perda total da função motora. Com isso, Behe afirma que a teoria e os mecanismos darwinianos não conseguem explicar a origem dos motores moleculares e outros diversos sistemas irreduzíveis e complexos que necessitam de um alinhamento e coordenação e interação de várias partes de proteínas totalmente independentes.<sup>174</sup>

Após observar que somente agentes inteligentes são capazes de gerar informações complexas e especificadas, os pesquisadores do Design Inteligente têm como hipótese que, se um objeto possui altos níveis de informações complexas e especificadas, pode-se logicamente concluir que ele foi planejado intencionalmente. E foi com a intenção de encontrar essas informações que os cientistas passaram a realizar testes experimentais na tentativa de encontrar em objetos naturais essa possível informação complexa. Segundo especialistas, uma forma facilmente verificável destas informações é o teste de complexidade irreduzível de um componente, que através de experimentos pode ser constatada devido às suas reservas de estruturas biológicas por meio de experimentos genéticos, onde é possível observar o funcionamento de todas as suas partes. Quando os pesquisadores encontram essa complexidade irreduzível na biologia, pode-se concluir que tais estruturas foram planejadas intencionalmente.<sup>175</sup>

O famoso biólogo ateu, Richard Dawkins, em seu livro “The God delusion”, tenta refutar a ideia de um Design Inteligente, resumindo seu argumento em seis pontos na tentativa de expor que um design é improvável, pois também necessitaria de um criador. E que por isso, “é praticamente certo que Deus não existe”.<sup>176</sup> No entanto, Willian L. Craig fez duras críticas a seus argumentos, refutando-os em poucas palavras. Segundo Craig, a conclusão de Dawkins é surpreendente, pois seu argumento, apesar de ser ateu, não remete às declarações anteriores,

---

<sup>173</sup> DAVIES, Paul. **The Cosmic Blueprint**. New York: Simon and Schuster, 1988, p. 203.

<sup>174</sup> MEYER, 2001, p. 67.

<sup>175</sup> BORGES, Michelson. **O que é a teoria do design inteligente?** Disponível em: <<http://bit.ly/2cz4gBd>>. Acesso em: 26 de jun. 2016.

<sup>176</sup> DAWKINS, Richard. **The God delusion**. New York: Bantam Press, 2006, p. 157, 158.

mesmo que sejam admiráveis. Com isso, Craig responde à pergunta de Dawkins “quem projetou o Design”, da seguinte forma:

Essa réplica peca em dois aspectos. Em primeiro lugar, para que uma explicação seja a melhor, não é preciso que haja uma explicação da explicação. É desse modo que a filosofia da ciência entende a inferência pela qual se chega à melhor explicação. Se numa escavação um arqueólogo descobre objetos semelhantes a pontas de flecha, pedaços de machadinhos e cacos de cerâmica, será correta sua inferência de que os artefatos encontrados não são resultados do acaso da sedimentação e da metamorfose, e sim produtos de algum grupo desconhecido de pessoas, embora não tenha explicação alguma sobre quem seriam elas e de onde teriam vindo. De igual modo, se um astronauta topasse por uma pilha de máquinas no lado oculto da lua, estaria correta a sua inferência de que aquilo era produto de agentes dotados de inteligência, mesmo que não tivesse ideia alguma de quem seriam esses agentes e como haviam chegado ali. Para que se possa afirmar que uma explicação é a melhor que há, não é preciso que o indivíduo seja capaz de explicar a explicação. Na verdade, esse tipo de exigência levaria uma regressão infinita de explicações, de tal modo que nada poderia ser explicado. Seria o fim da ciência! Portanto, no caso em questão, não é preciso ser capaz de explicar o designer para admitir que o design inteligente é a melhor explicação para o “surgimento” do design no universo.<sup>177</sup>

Adauto Lourenço também afirma que um novo e forte argumento dado ao Design Inteligente foi a descoberta do código genético. Pois, segundo Adauto, a essência da vida nada mais é que um código genético, e este código deve estar associado ao início da vida. Deve-se entender que o código citado é uma forma especial de ordem e organização, sendo assim mais um exemplo muito claro de complexidade específica. Tratando-se do DNA humano, o código ainda pode ser chamado de informação complexa especificada. Adauto ainda argumenta que “a complexidade da informação encontrada em todas as formas de vida faz suspeitar que ela foi planejada, ou faz ter certeza disso? A implicação do Design Inteligente é evidente”.<sup>178</sup>

Muitos críticos ainda insistem em dizer que a Teoria do Design Inteligente não é uma ciência, pois, segundo eles, a ciência deve estar de acordo com o naturalismo metodológico, ou seja, tratando-se de ciência deve-se descartar a existência do sobrenatural, existindo ele ou não. Como já visto anteriormente, a ideia foi expressa na revista Nature: “Mesmo que todos os dados apontam para um designer inteligente, tal hipótese é excluída da ciência porque não é naturalista”.<sup>179</sup> Alguns filósofos discordam que o naturalismo seja uma exigência, tratando-se uma ciência, porém, mesmo que seja, existem boas razões para que seus opositores tentem excluí-la, mesmo que o Design Inteligente não fira nenhum ponto dessa regra.<sup>180</sup>

---

<sup>177</sup> CRAIG, 2012, p. 166.

<sup>178</sup> LOURENÇO, 2007, p. 53.

<sup>179</sup> TODD, Scott C. **A view from Kansas on that evolution debate**. Nature, Vol. 401:423, Sept, 30, 1999.

<sup>180</sup> LUSKIN, Casey. **More on how we can know intelligent design is science**. 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/1diC8wH>>. Acesso em: 25 de jun. 2016.

Segundo alguns escritores, o Design Inteligente não apela ao sobrenatural porque seus estudos partem de observações dos tipos de informações que só podem ser produzidas por agentes inteligentes, como já visto anteriormente. Stephen Meyer mais uma vez defende a crítica da teoria violar a metodologia naturalista da seguinte forma:

Embora o agente de design responsável pela vida possa muito bem ter sido uma divindade onipotente, a teoria do design inteligente não tem a pretensão de ser capaz de determinar isso. Porque a inferência para projetar depende de nossa experiência uniforme de causa e efeito, neste mundo, a teoria não pode determinar se a inteligência da concepção supostamente responsável pela vida tem poderes além daqueles em exposição na nossa experiência. Nem pode a teoria do design inteligente determinar se o agente inteligente é responsável pela vida e se as informações agiram a partir do singular ou do reino "sobrenatural". Em vez disso, a teoria do design inteligente se limita a afirmar e detectar a ação de alguma causa inteligente (com poder, pelo menos, equivalentes aos que sabemos por experiência) a teoria pode afirmar isso porque sabemos por experiência que só os agentes conscientes e inteligentes produzem grandes quantidades de informações especificadas.<sup>181</sup>

Respondendo aos críticos da teoria do design, William Dembski ainda firma:

Explicações sobrenaturais invocam milagres e, portanto, não são propriamente parte da ciência, porém, explicações que invocam causas inteligentes requerem nenhum milagre, mas não podem ser reduzidos a explicações materialistas.<sup>182</sup>

Os defensores da ideia metodológica naturalista dizem que a regra serve para garantir que a ciência se utilize somente de explicações únicas, testáveis, previsíveis e confiáveis. Contudo, já foi possível observar que o Design Inteligente gera hipóteses testáveis com base no conhecimento humano de como o mundo funciona, e com isso, pode ser inferido através do método científico confiavelmente. Desta forma, a previsibilidade, capacidade de teste ou confiabilidade, estabelecida pela metodologia naturalista, não são violados pela teoria do Design, que, por sua vez, é equivalente à metodologia neodarwiniana.<sup>183</sup>

Outro ponto de extrema importância é a diferença entre Design Inteligente e criacionismo religioso. Todos devem ter em mente que ambas podem ser interligadas, porém não podem ser entendidas como sinônimos. A teoria do Design Inteligente trabalha com informações que já são encontradas na natureza e não com a origem de tal formação, com isso, ela somente avalia as informações existentes. Já o criacionismo bíblico presume um criador como origem da informação existente no Design encontrado na natureza. Com isso nem todo

---

<sup>181</sup> MEYER, Stephen. **Signature in the cell**. London: Harper One. 2009, p. 428-429.

<sup>182</sup> DEMBSKI, William; WELLS, Jonathan. **The design of life: discovering signs of intelligence in biological systems**, Foundation for Thought and Ethics, 2008, p. 13-14.

<sup>183</sup> LUSKIN, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/1diC8wH>>. Acesso em: 25 de jun. 2016.

criacionista defende a teoria do Design, como também nem todo defensor da teoria do Design não é um criacionista. Sendo assim, segundo as duas posições, é possível haver criação sem Design Inteligente e Design Inteligente sem criação. No entanto, uma boa definição para que se compreenda melhor as duas teorias é que descobrir e aceitar a existência de um criador, segundo as evidências apontadas, é um ato racional, pois está interligado com as causas e efeitos, métodos científicos e ciência. Agora, aceitar quem é o criador já é um ato de fé, pois tem uma religião como base.<sup>184</sup>

Uma relevante questão a ser destacada é que a teoria do Design Inteligente não é a única opção, teoria ou filosofia relacionada à criação ou existência de Deus. A primeira é o criacionismo científico, que não necessita de uma revelação bíblica e tenta se sustentar em modelos de testes científicos para desvendar a forma e modelo da criação. Já o criacionismo bíblico não tem seus princípios em dados científicos, tendo somente a Bíblia como material necessário para seu modelo de criação. E ainda por último, o criacionismo bíblico científico, que crê numa interpretação literal das Escrituras, porém, desenvolve seus argumentos em dados científicos que são compatíveis com o relato de gênesis.<sup>185</sup>

Inúmeras críticas ainda são feitas relacionadas ao criacionismo, porém, muitos não conseguem distinguir a diferença entre criacionismo religioso e científico. Diversas críticas são feitas ao modelo científico, mas com a intenção de atingir o religioso. Muitos ainda acreditam que o criacionismo é uma tentativa de provar que Deus criou o mundo como a bíblica conta, ou seja, o gênesis literal, trazendo Deus para dentro das salas de aula. No entanto, como já foi abordado, o criacionismo científico não tem como base argumentos religiosos, embora possa ter implicação relacionadas. O Design Inteligente trabalha com leis, evidências lógicas e testes científicos.<sup>186</sup>

### 3.3 Fé e razão

A fé pode muito bem ser descrita como uma das virtudes cristãs mais mal interpretadas e compreendidas. H. L. Menken afirma que a fé é uma crença sem lógica na ocorrência do improvável. Porém, muitos discordam desse ponto de vista. John Stott diz que a fé não pode ser entendida como credulidade, pois ser crédulo é ser incapaz de criticar, sendo ainda, ingênuo, irracional e sem discernimento correto no que crê. É um grande erro dizer que a fé e a razão são

---

<sup>184</sup> LOURENÇO, 2007, p. 54, 55.

<sup>185</sup> MORRIS, Henry M. **The Tenets of creationism**. Acts & Facts, 1980. Disponível em: <<https://www.icr.org/article/168/>>. Acesso em: 28 de jun. 2016.

<sup>186</sup> LOURENÇO, Adauto. **A igreja e o criacionismo**. São Paulo: Fiel, 2014, p. 35, 36.

incompatíveis, pois, em comparação com a Bíblia, a fé muitas vezes se opõe à visão, mas a fé é sempre acompanhada da razão. Deve-se entender que a fé verdadeira nunca deixará de ser racional, pelo fato de ter como base o caráter e também as promessas de Deus. Desse modo, os cristãos, em sua racionalidade, mantêm sua mente firmada nessas certezas.<sup>187</sup>

Blaise Pascal dizia que “a razão atinge o finito, mas o coração atinge o infinito”. Segundo Pascal, a razão não deve ser entendida como uma suprema instância em torno de problemas centrais do ser humano. Para Pascal, a razão deveria ser entendida como um aspecto parcial da humanidade, sendo o “coração” uma totalidade. Pois, se Deus é plenamente infinito, como poderia ser objeto de uma faculdade humana, falha e finita como a razão humana?<sup>188</sup>

Ainda é muito importante ressaltar que a fé cristã traz em si muitos outros elementos, além de que crer na veracidade de alguma coisa. A fé cristã não é algo cognitivo, como alguém que diz: “acredito que isso seja verdade”; ela é racional e existencial, como alguém que diz: “confio nesta pessoa”. A fé cristã não para de ser exercida na existência de Deus; nela ainda se inclui descobrir que Deus é bom, amoroso e sábio.<sup>189</sup>

Para Santo Agostinho, “a fé é o caminho do entendimento”. Ele acreditava que a fé se antecipava à razão humana, com isso primeiro alguém teria fé, e, somente depois entenderia a verdade de Deus. Contudo, Agostinho também concordava com uma fé racional, pois segundo ele, ninguém deveria acreditar em algo, sem ao menos tê-lo julgado digno, de crença à luz de uma boa razão. Argumentos racionais e filosóficos também eram muito utilizados por Agostinho ao formular provas da existência de Deus, usando a imutabilidade de Deus e a mutabilidade da mente humana. Agostinho pensava da seguinte forma: 1) a mente entende algumas verdades imutáveis, como  $7+3=10$ ; 2) minha mente não é imutável; 3) uma mente mutável não pode ser a base de verdades imutáveis; 4) logo, deve haver uma mente imutável, ou seja, Deus. Para que uma fé seja genuína e verdadeira, é necessário que o indivíduo tenha um conhecimento parcial ou básico do evangelho; tal entendimento é naturalmente necessário antes de se confiar nele; com isso, Agostinho dizia que “o pleno entendimento da verdade cristã é subsequente à fé salvífica.”<sup>190</sup>

Ter uma fé racional não significa ter de testar e provar cada um de seus apontamentos, a essência de uma fé racional é demonstrar que existem boas razões e evidências para acreditar que seus apontamentos merecem confiança. A fé pode ser comparada a uma lente que permite

<sup>187</sup> STOTT, John. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 1978, p.33.

<sup>188</sup> ROHDEN, Humberto. **Pascal**. São Paulo: União Cultural, 1949, p. 15.

<sup>189</sup> MCGRATH, Alister. **Apologética pura & simples**. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 76.

<sup>190</sup> GEISLER, Norman; FEINBERG, Paul. **Introdução a filosofia: uma perspectiva cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 209.

ao homem enxergar alguns fatos de sua vida em foco, ou ainda tê-la como uma luz que permite uma visão mais distante e clara dos fatos que certamente não poderiam ser observados no dia a dia da vida de um crente.<sup>191</sup> C. S. Lewis também acreditava na importância de um cristão possuir uma crença racional e de uma argumentação, a respeito da fé, lógica e convicta:

Embora a argumentação não crie convicção, sua essência destrói a fé. O que parece estar provado pode não ser aceito; mas o que ninguém se mostra capaz de defender é rapidamente abandonado. O argumento racional não gera fé, mas preserva um clima que permite a fé florescer.<sup>192</sup>

A fé cristã não se assemelha a um pensamento positivo, ou atitudes mentais positivas, e também não pode ser confundida com otimismo. A fé é uma confiança que mantém o homem em profunda reflexão e certeza, contando com o fato de que Deus é digno de todo o louvor e crédito, e por isso é racional. Uma fé verdadeira não fecha os olhos para os fatos, como alguns argumentam, ela não cria autoconfiança. Ela faz com que o homem se lembre do seu Deus criador e do Deus da aliança.<sup>193</sup> Com isso, é impossível crer sem pensar, pois a fé, o pensamento e a reflexão caminham juntos. Lloid-Jones, ao comentar Mateus 6.30 diz:

A fé, de acordo com o ensinamento do nosso Senhor neste parágrafo, é basicamente o ato de pensar, e todo o problema de quem tem uma fé pequena é não sabe pensar. A pessoa permite que as circunstâncias lhe oprimam. Temos de dedicar mais tempo ao estudo das lições do nosso Senhor sobre a observação e dedução. A Bíblia está repleta de lógica, e de forma alguma devemos pensar que a fé seja algo meramente místico. Nós não nos sentamos simplesmente numa poltrona, permanecendo à espera de que coisas maravilhosas nos aconteçam. Isso não é fé cristã. A fé cristã é, em sua essência, o ato de pensar. Olhem para os pássaros, pensem neles, e façam suas deduções. Vejam os campos, vejam os lírios silvestres, considerem essas coisas. A fé, se quiserem, pode ser definida assim: É insistir em pensar quando tudo parece estar determinado a nos oprimir e nos pôr por terra, intelectualmente falando. O problema das pessoas de pequena fé é que ela, ao invés de controlarem seus próprios pensamentos, os seus pensamentos é que são controlados por alguma circunstância e, como se diz, elas passam a rodar em círculos. Isso é a essência da preocupação. Isso não é pensamento; isso é ausência completa de pensamentos, é não pensar.<sup>194</sup>

Tomás de Aquino, por ser um seguidor de Agostinho, também ressaltava a importância da razão, dando ainda mais ênfase do que o próprio Agostinho. Aquino acreditava que nem todos os homens poderiam comprovar a existência de Deus, pelo fato de a mente humana ser limitada e finita, levando ainda em conta que nem todos se dedicam a árduos estudos para elaborar uma prova filosófica. Ele também achava a crença em Deus necessária porque a

<sup>191</sup> MCGRAT, 2013, p. 78.

<sup>192</sup> GIBB, Jocelyn. **Light on C. S. Lewis**. London: Geoffrey Bles, 1965, p. 26.

<sup>193</sup> STOTT, 1978, p. 36.

<sup>194</sup> LLOYD-JONES, Marty. **Studies in the sermon on the mount**. Grand Rapids: Eerdmans, 1960, p. 129,130.

falsidade está presente no intelecto humano, por isso seria necessária a apresentação inabalável das coisas divinas aos homens por meio da fé. Sendo assim, o homem estava sob efeito do pecado em sua mente, sendo “obrigado” a pensar e a fazer muitas coisas erradas, sendo necessária a revelação divina. Segundo Aquino, o pecado não poderia destruir totalmente a racionalidade humana e, com a graça divina, poderia chegar a entender certas verdades de Deus e até confirmá-las filosoficamente.<sup>195</sup>

O físico John Polkinghorne rebate o argumento de que somente cientistas ateus naturalistas caminham na razão. Ele dizia que tanto a ciência quanto a religião não poderiam apresentar verdades absolutas:

Nenhuma forma de investigação que busque a verdade pode ter certeza absoluta de suas conclusões. Uma aspiração que se pretenda realista deve buscar explicação possível para os fenômenos complexos, um objetivo que será atingido pela busca de uma compreensão suficientemente ampla e imbuída de razões bem fundamentadas, de tal modo que haja uma base sobre a qual se possa erigir o compromisso racional. Nem a ciência, nem a religião podem acalantar a esperança de obter provas logicamente coercitivas do tipo que só um tolo poderia negar.<sup>196</sup>

No entanto, muitos opositores do teísmo não conseguem enxergar as definições corretas das palavras fé e razão. Muitos não conseguem entender que a fé é fundamental para o acesso à razão, pois um indivíduo deve acreditar em algo na intenção de conhecê-lo e então descobrir a sua veracidade. Com isso, a razão deve ser utilizada na avaliação dos fatos, testes, evidências e filosofias apresentadas, para que a fé seja confirmada e reforçada. Com isso, a razão não afasta o homem da fé; muito pelo contrário, ela serve para apoiar a fé de inúmeras formas.<sup>197</sup>

A fé ultrapassa barreiras e dá força, sendo uma certeza concreta, fazendo com que o ser humano prossiga firme em sua caminhada e vença todas as adversidades da vida. A razão faz com que o homem não seja imaturo ou se exalte em detrimento da fé, formando uma caminhada equilibrada onde a experiência não ocupa o lugar de absoluta e a fé e reflexão são exercitadas.<sup>198</sup>

De fato, o mundo já testemunhou um grande mover no passado com grandes teólogos, reformadores e filósofos e, se não bastasse, o século 20 e 21 já proporcionou debates altamente intelectuais e filosóficos sobre as evidências racionais e empíricas sobre a existência de Deus,

---

<sup>195</sup> GEISLER, 1983, p. 210.

<sup>196</sup> MCGRATH, 2013, p. 79.

<sup>197</sup> DUTRA, Rafael; PAIM, José. **Fé e razão**: como a razão pode explicar Deus sem levar ao ceticismo. Revista Eletrônica Espaço Teológico, 10, 2016, p. 290.

<sup>198</sup> DUTRA, 2016, p. 295.

que se renovam a todo tempo com as novas concepções científicas a respeito da origem do universo. Alvin Plantinga e Richard Swinburne, grandes filósofos da religião, também confirmaram a racionalidade de fé, dando um novo prestígio e novas evidências aos tradicionais debates da racionalidade da crença em um Deus. A cada instante, ao se analisar grande teólogos e filósofos do passado e, com o surgimento de muitos outros, há um consenso cada vez maior de que a crença em Deus é perfeitamente racional.<sup>199</sup>

Pode-se entender que Deus se revela ao homem através de atos racionais para criaturas racionais, e com isso, a mente e razão humana são indispensáveis para uma correta interpretação das doutrinas cristãs.<sup>200</sup> Por fim, Alister McGrath argumenta sobre a fé cristã:

Para os autores cristãos, a fé religiosa não é uma rebelião contra a razão, e sim uma revolta contra o aprisionamento da humanidade dentro das muralhas frias do dogmatismo racionalista. Lógica e fatos levam até certo ponto; depois disso, temos de percorrer o resto do caminho até a fé. A lógica humana pode satisfazer a razão, mas fica a dever à dimensão existencial. A fé declara que há mais do que razão, não a contradiz, mas vai além dela. A fé evoca o consentimento da razão e convida a partilhar dele, mas não o obriga. A Fé vai para onde a razão aponta, porém não se limita ao ponto em que a razão detém.<sup>201</sup>

---

<sup>199</sup> MCGRATH, 2013, p. 81.

<sup>200</sup> DUTRA, 2016, p. 296.

<sup>201</sup> MCGRATH, 2013, p. 81.

## CONCLUSÃO

Após a realização do presente estudo, conclui-se que existe uma grande onda de fé na teoria evolutiva e a razão sempre esteve presente na fé cristã ou teísta. Conforme analisado no decorrer do trabalho, Darwin, ao expor sua teoria, não tinha em mãos material para uma pesquisa mais detalhada e elaborada. Porém, a ciência atual já conseguiu mostrar que a teoria darwiniana peca em inúmeros sentidos, sendo necessário um aprimoramento a cada nova descoberta. Foi possível observar que a teoria evolutiva, segundo os próprios evolucionistas, não é provada cientificamente, como muitos alegam. Ela não pode ser entendida como uma lei científica demonstrada; deve ser entendida como uma explicação ou interpretação de determinados fatos, e sendo assim, também pode ser entendida como uma crença da parte dos que a defendem.

Muitos autores colocaram a teoria evolutiva com uma filosofia, que com o passar do tempo influenciou muitas gerações. Foi possível observar que muitos biólogos, na tentativa de fugir de algumas questões difíceis, incrementaram filosofia em meio aos argumentos darwinistas, como, por exemplo, Richard Dawkins. Dessa forma, a teoria passou a ser aceita pela mídia como verdadeira e absoluta. No entanto, foi possível observar que a aceitação social não prova a veracidade de uma filosofia. Outros estudiosos ainda garantem que o evolucionismo é aceito universalmente, não porque é provado, mas porque a ideia de um criador seria impossível, sendo a teoria evolutiva a única alternativa.

Também foi possível observar que muitos cientistas, por mero orgulho, se negaram a considerar as diversas controvérsias na teoria evolutiva, considerando o materialismo absoluto pelo simples fato de não poderem permitir e aceitar a ação de um Deus criador. Com isso, fica claro que a evolução, antes de ser científica, é filosófica, pois todas as evidências apresentadas pelos evolucionistas precisam ser interpretadas de acordo com sua filosofia. E, se por acaso, alguma suposta evidência parecer complicada, ou ainda ir contra a filosofia, tal evidência é descartada. Pois, para cientistas materialistas, qualquer erro científico ou teoria defeituosa torna-se melhor do que permitir a ação direta de um Criador.

Os argumentos paleontológicos também são muito questionáveis, pois, segundo especialistas, a falta de elos intermediários no registro fóssil é um grave problema para a teoria. Estudiosos garantem que para a teoria ser confirmada no registro fóssil, seria necessário haver nas colunas geológicas milhares de fósseis em transição, todos contendo características dos grupos anteriores e posteriores, porém poucos exemplares que poderiam ser considerados foram encontrados. E até mesmo alguns que foram encontrados, depois de algumas análises, foram

diagnosticados como aves e animais mamíferos. Muitos outros fósseis ainda foram usados de maneira desesperada para substituir a perda, com a apresentação do *Protoarchaeopteryx* e o *Archaeopteryx*, no entanto, era uma simples armadilha de contrabandistas que inventaram tal elo para ganhar vantagem e dinheiro à custa de pesquisadores. Estes não são os únicos casos de erros em relação a descobertas fósseis; muitos museus estão retirando cadeias evolutivas referentes ao cavalo por terem confundido um dos possíveis elos com uma anta.

Diversos pesquisadores ainda garantiram que os fósseis que poderiam ligar o homem a um ancestral comum não passam de esqueletos, crânios e mandíbulas fragmentadas, sendo passíveis de diversas interpretações. Ainda foi possível observar que inúmeros livros e trabalhos trazem em seu conteúdo algumas imagens de hominídeos, que, sem sombra de dúvida, induzem seus leitores ao erro, por realmente acreditar que tais espécimes eram exatamente da forma apresentada. Deve-se entender que tais representações são baseadas somente em fragmentos fósseis, que como já citado, sugerem diversas interpretações, que no caso apontam para a questão evolutiva. Outras pesquisas ainda concluem que os modelos de reconstrução eram extremamente duvidosos, visto que toda a formação mole do espécime era baseada somente no fóssil, porém, na falta de partes do crânio era acrescentada a visão do pesquisador, portanto tais restaurações têm muito pouco ou nenhum respaldo científico, sendo tendencioso a enganar os leitores.

Ainda se pode concluir que as mutações necessárias para evolução humana e de outros animais, não são como os evolucionistas apresentam. Muitos pesquisadores comprovaram em laboratório que as mutações são extremamente perigosas e negativas. E, se em laboratório, com um ambiente totalmente propício, as mutações prejudicaram, pode-se concluir que em um meio ambiente aleatório ela também não aconteceria. Ainda foi possível concluir que se a espécie humana tivesse como ancestral um símio, os estudos na área de DNA levariam a cromossomos de uma origem em comum com estes, porém o que é encontrado é um retorno à origem comum, conforme as pesquisas realizadas na área de DNA mitocondrial, que é herdado da mãe, e dos cromossomos y, ou seja, o mesmo homem e a mesma mulher existentes hoje.

Foi possível observar que a existência de um criador é concebida na filosofia, lógica e ciência. Muitos filósofos e pais da igreja conseguiram formular provas filosóficas extremamente contundentes em relação a argumentos ateístas. Sendo Platão, Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino, seus principais pensadores dos argumentos cosmológico, teleológico, moral e etc. Já nos dias atuais, a Teoria do Design Inteligente trouxe uma nova visão a respeito da criação. A teoria tem como objetivo, buscar e detectar evidência de um Design do universo. Evidências como a existência de ordem cósmica, beleza e complexidade

da vida, dão fortes indícios de que a vida não é um produto do acaso, mas resultado de uma criação.

Por último, foi possível concluir que a fé não é um estado de irracionalidade. Para definir fé como racional, batava citar todos os grandes cientistas, historiadores, matemáticos e escritores da história. Porém, a fé, nada mais é que um produto da racionalidade, e assim, como os evolucionistas creem em sua teoria como absoluta, mesmo que faltem evidências para isso, o cristão ou o teísta crê que existe uma força sobrenatural e infinita que dá ordem e guarda todo o universo. A fé não se trata de irracionalidade, antes é a confiança em evidência e apontamentos, e, para a existência de um supremo criador, estas não faltam. No entanto, se a evolução de fato aconteceu, cabe à biologia responder a essa pergunta, porém, independentemente de sua resposta, ela não determina a existência ou a inexistência de Deus, e sim, no máximo, que Gênesis não deve ser interpretado de forma literal.

## REFERÊNCIAS:

ANKERBERG, John. **Criação e evolução**. John Ankerberg, John Weldon. Porto Alegre: Chamada da Meia Noite, 1995. 81p.

ANUNCIACÃO, Paulo Eugênio Mendonça de. **Existe alguém lá fora do universo**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2012. 202 p.

BEHE, Michael J. **Darwin's black box: the biochemical challenger to evolution**. The free press, Foundation for Thought and Ethics: Houston, 1996. 351 p.

BORGES, Michelson. **A história da vida**. São Paulo, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. 224 p.

\_\_\_\_\_. **O que é a teoria do Design Inteligente?** Disponível em <[goo.gl/TfHlqk.html](http://goo.gl/TfHlqk)>. Acesso em: 15 de jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Por que creio: doze pesquisadores falam sobre ciência e religião**. 2.ed. Tatuí: Casa publicadora Brasileira, 2010. 224 p.

BRYAN, Shorrocks. **A origem da diversidade: as bases genéticas da evolução**. Trad. João Morgante e Priscila Guimarães Otto. São Paulo: EDUSP, 1980. 181 p.

CARVALHO, Humberto C. de. **Fundamentos de genética e evolução**. UFMG, BH, 1980. 556 p.

CASTRO, Joseph. **Archaeopteryx: The Transitional Fossil**. Disponível em <<http://bit.ly/1JSBups>>. Acesso em: 06 de abr. 2016.

CASTRO, Leandro; ZUBEN, Fernando Von. **Computação evolutiva: a origem das espécies**. São Paulo: Unicamp, Tópico 2, 2002. 44 p.

CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia sistemática**: São Paulo: Hagnos, 2003. 780 p.

COLBY, Chris. **Introduction to Evolutionary Biology**. The Talk Origins Archivi, 1996. Disponível em <<http://bit.ly/2cWEUmh>>. Acesso em: 21 de abr. 2016.

COPI, Irving Marmer. **Introdução a lógica**. 2. ed. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1978. 487 p.

COPPEDGE, James. **Evolution: posible or impossible?** Chicago; Henry Regenery, Sondervan, 197, 276 p.

CRAIG, William Lane. **Apologética contemporânea: a veracidade da fé cristã**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012. 400 p.

\_\_\_\_\_. **Criacionismo evolucionista e a imagem de deus na humanidade**. Disponível em: <<http://bit.ly/2cZrTVf>>. Acesso em: 15 de mar. 2016.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2014. 572 p.

\_\_\_\_\_. **A origem do homem e a seleção sexual**. Trad. Attilio Cancia e Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: HEMUS, 1974. 715 p.

- DAVIES, Paul. **The Cosmic Blueprint**. New York: Simon and Schuster, 1988. 234 p.
- DAWKINS, Richard. **The God delusion**. New York: Bantam Press, 2006. 404 p.
- DEMBSKI, William; WELLS, Jonathan. **The design of life: discovering signs of intelligence in biological systems**. Foundation for Thought and Ethics, 2008. 423 p.
- DEWITT, David. **Greater than 98% Chimp/human DNA similarity? Not any more**. Journal of Creation, 2003. 177 p. Disponível em: <<http://bit.ly/2cbjyAF>>. Acesso em: 25 de mar. 2016.
- DUTRA, Rafael; PAIM, José. **Fé e razão: como a razão pode explicar Deus sem levar ao ceticismo**. Reveleto: Revista Eletrônica Espaço Teológico. Vol. 10, 2016. 290 p.
- FREIRE-MAIA, Newton. **Criação e evolução: Deus, o acaso e a necessidade**. Petrópolis: Vozes, 1986. 357 p.
- GEE, Henry. **Return to the planet of the apes**. Nature, 12 Jul 2001. Disponível em: <<http://go.nature.com/2cnOajJ>>. Acesso em: 15 de abr. 2016.
- GEISLER, Norman; FEINBERG, Paul. **Introdução a filosofia: uma perspectiva cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1983. 346 p.
- GEISLER, Norman; TUREK, Frank. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. São Paulo: Vida Nova, 2006. 302 p.
- GIBB, Jocelyn. **Light on C. S. Lewis**. The christian apologist, London: Geoffrey Bles, 1965. 160 p.
- GIBERSON, Karl. **The anthropic principle**. Journal of Interdisciplinary Studies. Response: Steven Yates, 1997. Disponível em: <<http://bit.ly/2d1hgE7>>. Acesso em: 13 de mar. 2016.
- GIBSON, Jim. **Problemas biológicos na evolução**. Disponível em: <<http://origins.swau.edu/papers/evol/gibson/defaultp.html>>. Acesso em: 25 de mai. 2016.
- GONÇALVES, Rainer Souza. **A evolução do homem**. Pré-história. Mundo Educação. Disponível em: <<http://bit.ly/2cffCx0>>. Acesso em: 03 de mar. 2016.
- GRIGG, Russell. **O bulldog de Darwin: Thomas Huxley**. Creation Ministries International. Disponível em: <<http://bit.ly/2cs3U1N>>. Acesso em: 10 de mar. 2016.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999. 1066 p.
- HODGE, Charles. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001. 1711 p.
- HOOTON, Earnest A. **Up from the ape**. New York: Mcmillian, 1947. 787 p.
- HOWELLS, W. **Getting here the story of human evolution**. Washington, DC: The compass press, 1993. 261 p.
- HUNT, Dave. **Um apelo à razão: criação ou evolução?** Porto Alegre: Actual, 2004. 61 p.
- HUNTER, Cornelius. **Stunning Evidence for Common Ancestry?** S. Joshua Swamidass on the Chimp-Human Divergence. Evolution News, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2cOtkoD>>. Acesso em: 15 de mai. 2016.

J. R. Lucas. Wilberforce and Huxley: A Legendary Encounter. Disponível em: <<http://bit.ly/2cycqgC>>. Acesso em: 20 de mar. 2016.

JOHNSON, Phillip E. **Como derrotar um evolucionista com mentes abertas**. São Paulo: Cultura cristã, 2000. 144 p.

\_\_\_\_\_. **Ciência, intolerância e fé: a cunha da verdade: rompendo os fundamentos do naturalismo**. Trad. Elizabeth Gomes Viçosa: Ultimato, 2004. 215 p.

\_\_\_\_\_. **Darwin no banco dos réus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. 224 p.

LEWONTIN, Richard. **Billions and billions of demons**. 1997. Disponível em: <<http://bit.ly/2cnPxic>>. Acesso em: 12 de mai. 2016.

LLOYD-JONES, Martyn. **Studies in the sermon on the mount**. Grand Rapids: Eerdmans, 1960. 585 p.

LOURENÇO, Adauto. **A igreja e o criacionismo**. São Paulo: Vida Nova, 2014. 66 p.

\_\_\_\_\_. **Como tudo começou: uma introdução ao criacionismo**. São Paulo: Fiel, 2007. 281 p.

LUSKIN, Casey. **Human Origins and Intelligent Design**. From The Light Bulb, 2004. Disponível em: <<http://www.ideacenter.org/contentmgr/showdetails.php/id/1146>>. Acesso em: 20 de abr. 2016.

LUSKIN, Casey. **Human Origins and Intelligent Design**. Progress in Complexity, Information, and Design. 2004. 19 p. Disponível em: <<http://bit.ly/2cYLzbv>>. Acesso em: 20 de abr. 2016.

MACARTHUR, John. **The battle for the beginning: The Bible on Creation and the Fall of Adam**. Thomas Nelson. Reviewed: Charles J. Tondee, 2005. 240 p.

MADOXX, Barney. **Mutations: The Raw Material for Evolution?** Institute for Creation Research, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2cIZ6aU/>>. Acesso em: 25 de mai. 2016.

MATTHEWS, L. Harrison. **"Introduction" to the origin of species**. London, JM Dent and Sons, 1971. 488 p.

MCGRATH, Alister. **Apologética pura e simples: como levar os que buscam e os que duvidam a encontrar a fé**. São Paulo: Vida Nova, 2013. 189 p.

MEYER, Stephen. **Evidence for design in physics and biology: from the origin of the universe to the origin of life**. San Francisco: Ignatius Press, 2001. 110 p.

\_\_\_\_\_. **Signature in the cell**. London: Harper One, 2009. 642 p.

MIGUEL, Ronaldo de Carvalho. **Verdades ou mitos: a Bíblia e as teoria do big bang e da evolução**. Niterói: Edição do Autor, 2016. 109 p.

MITCHELL, Elizabeth. **New african fóssil alter perception of human origins**. Disponível em: <<http://bit.ly/2cxwFuE/>>. Acesso em: 12 de mai. 2016.

- MORRIS, Henry M. **The Splendid faith of the evolutionist**. Acts & Facts. Institute for Creation Research. 1982. Disponível em: <<http://bit.ly/2cnOZsD>>. Acesso em: 24 de abr. 2016.
- MORRIS, Henry M. **The Tenets of creationism**. Acts & Facts. Institute for Creation Research, 1980. Disponível em: <<https://www.icr.org/article/168/>>. Acesso em: 10 de mai. 2016.
- MULLINS, Edgar Young. **A religião cristã na sua expressão doutrinária**. São Paulo: Hagnos, 2005. 621 p.
- PARKER, Gary. **Creation, selection and variation**. Institute For Creation Research, 1980. Disponível em: <<http://www.icr.org/article/170/268>>. Acesso em: 10 de mai. 2016.
- PEARCEY, Nancy R.; Thaxton, Charles B. **A alma da ciência**. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. 352 p.
- PILBEAM, David. **Those Fossils Are a Problem**. Creation Magazine, 1992. 52 p. Disponível em: <<http://bit.ly/2cWFiS0>>. Acesso em: 10 de mai. 2016.
- PRESSE, France. Descoberto homínido que vivei na mesma época que Lucy na etiópia. Ciência e Saúde, 2015. Disponível em: <<http://glo.bo/2cKzCqx>>. Acesso em: 12 de abr. 2016.
- RIDLEY, Mark. **Evolução**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 752 p.
- ROHDEN, Huberto. **Pascal**. São Paulo: União Cultural, 1949. 161 p.
- ROSE, Michael R. **O espectro de Darwin: a teoria da evolução e suas implicações no mundo moderno**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 264 p.
- RUSE, Michael. **Saving Darwinism from the Darwinians**. National. Pg. B-3. Disponível em: <<https://www.icr.org/article/4157/>>. Acesso em: 20 de abr. 2016.
- SCHUTZENBERGER, Marcel P. **Algorithmos and the neo-darwinian theory of evolution**. Monograph, in Moorehead and Kaplan, 1967. 140 p.
- SENE, Fábio de Melo. **Genética e evolução**. São Paulo. EPU, 1981. 200 p.
- SEVERA, Zacarias, Aguiar. **Manual de teologia sistemática**. Curitiba: A.D. Santos, 2012. 504 p.
- SPETNER, L. **Not By Chance!** Shattering the Modern Theory of Evolution. Brooklyn, NY: Judaica Press, 1997. 271 p. Disponível em: <<http://bit.ly/2cfPXnH>>. Acesso em: 20 de mai. 2016.
- SPROULE, Anna. **Charles Darwin: a história de como a teoria da evolução desafiou a visão religiosa da criação do mundo**. São Paulo: Globo, 1990. 64 p.
- STOTT, John. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 1978. 59 p.
- SWAMIADASS, S. Joshuas. **Evidence and Evolution**. The Debate. 2016. Disponível em: <<http://swami.wustl.edu/evidence-for-evolution>>. Acesso em: 20 de mai. 2016.
- THOMAS, Brian. **New Finds Reveal Fully-Human Neandertal**. Institute for Creation Research, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2cPlwmy>>. Acesso em: 23 de mai. 2016.

THOMAS, J.D. **Razão, ciência e fé: compreendendo a relação entre os fatos da ciência e os argumentos da fé.** Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Cristã, 2001. 360 p.

TODD, Scott C. **A View from Kansas on the Evolution Debates.** Nature, Sept 1999. Disponível em: <<http://go.nature.com/2csJrcY>>. Acesso em: 12 de jul. 2016.

TOMKINS, Jeffrey; BERGMAN, Jerry. **Genomic monkey business—estimates of nearly identical human–chimp DNA similarity re-evaluated using omitted data.** Journal of Creation, 2012. 127 p. Disponível em: <<http://bit.ly/2coCEPP>>. Acesso em: 12 de jun. 2016.